



ESCUTEM!

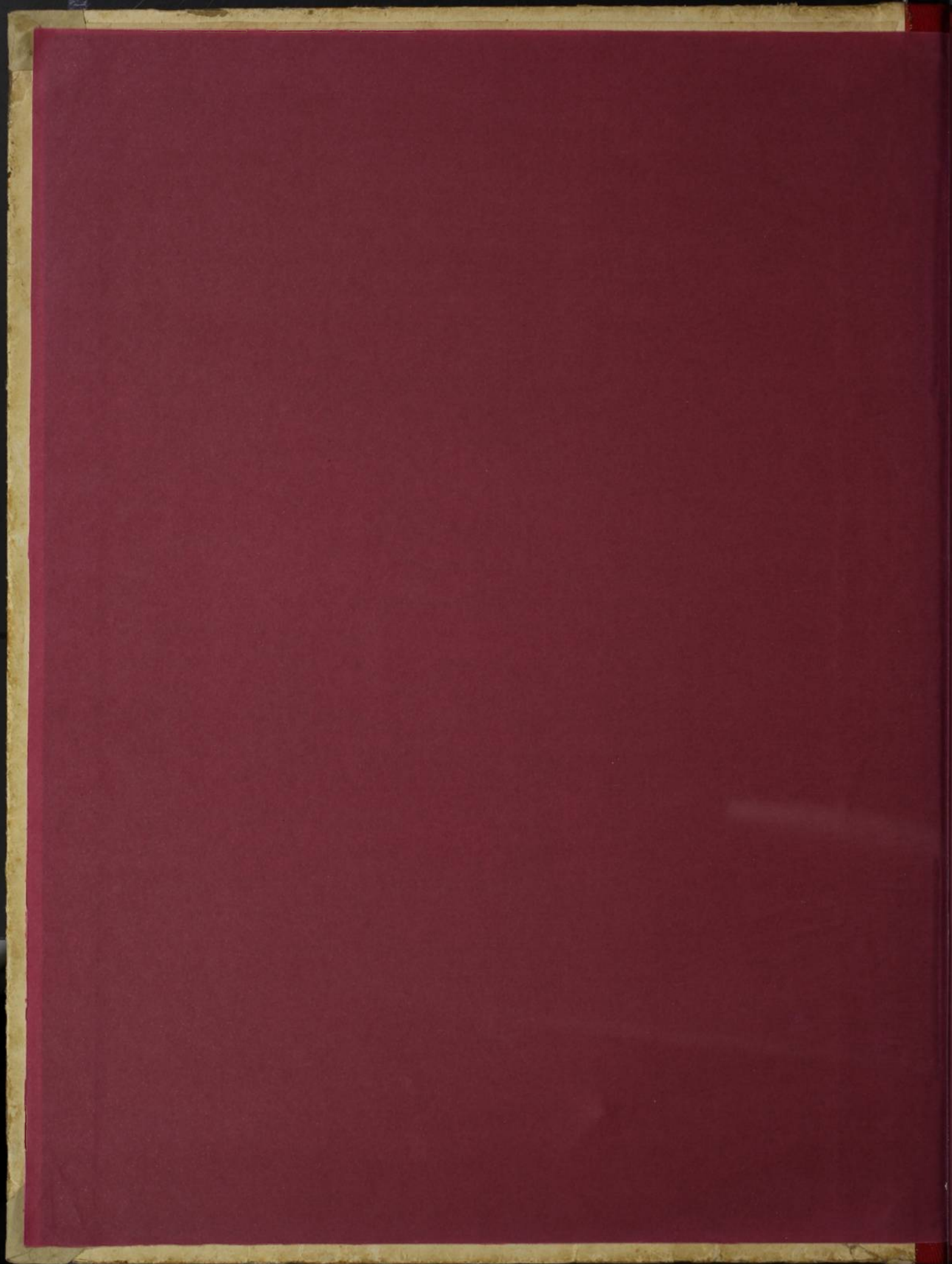
por

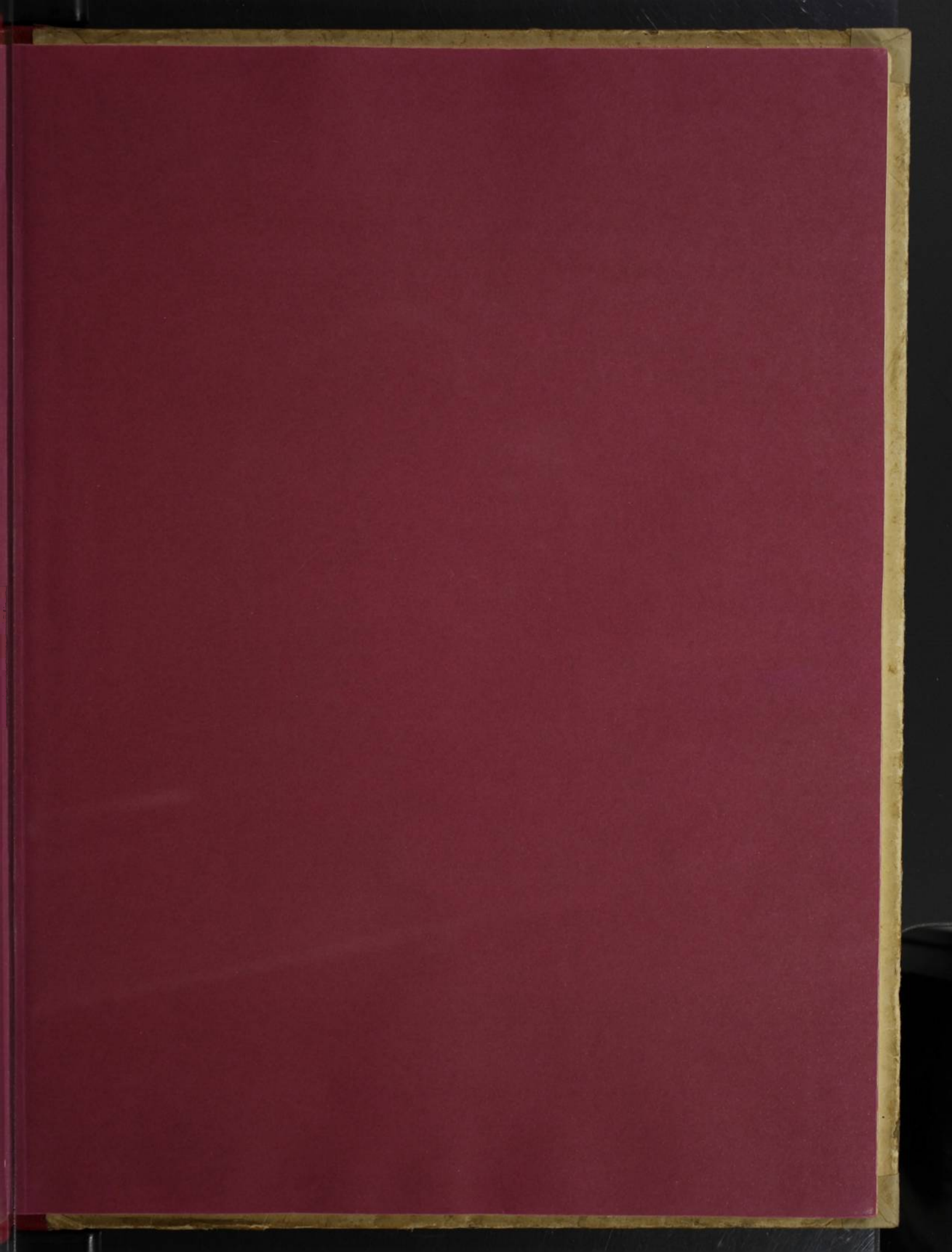
BENJAMIN RABIER

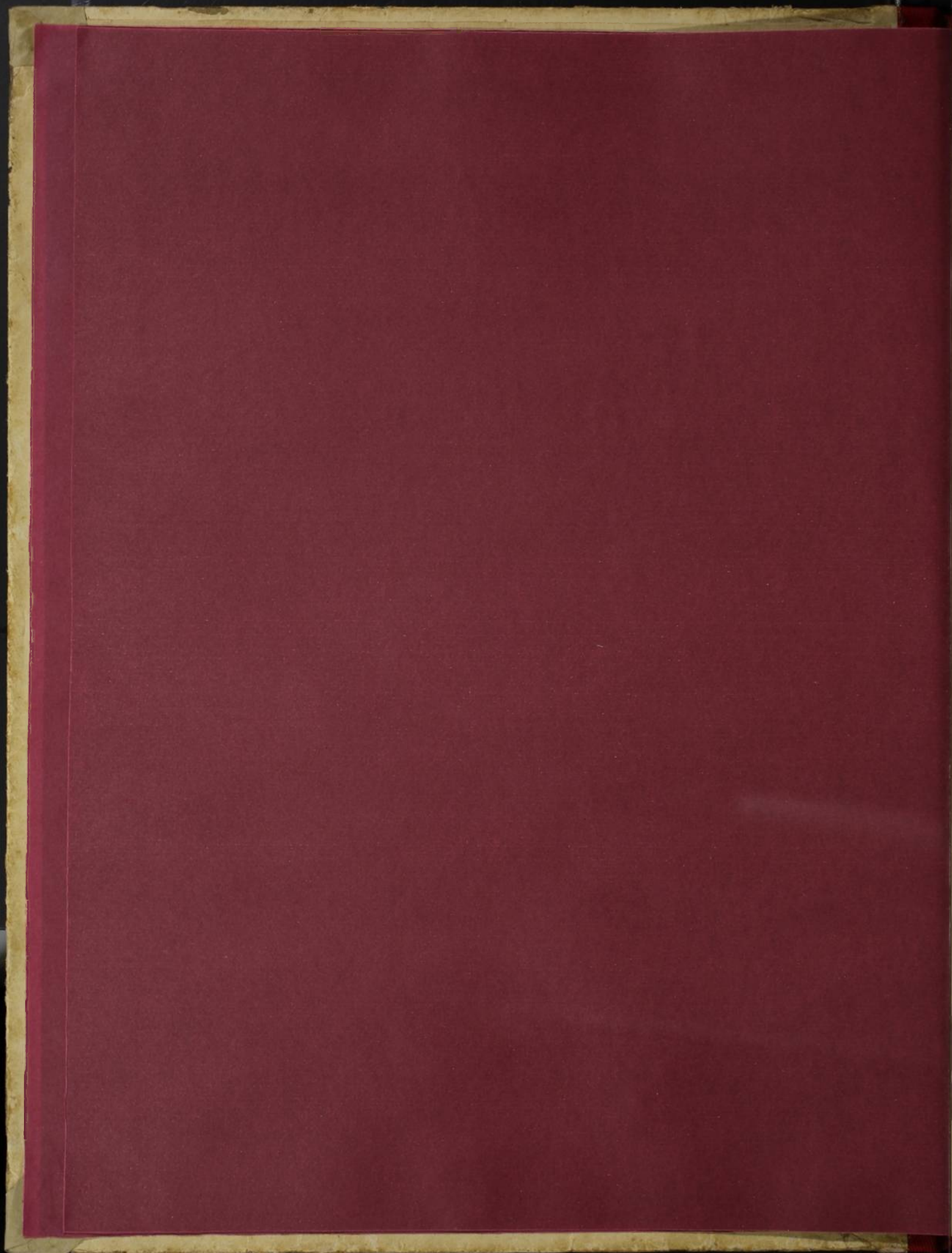


H. GARNIER § § § § § § §
§ § § § LIVREIRO - EDITOR § § § § § § §
§ 71, Rua do Ouvidor, RIO DE JANEIRO §





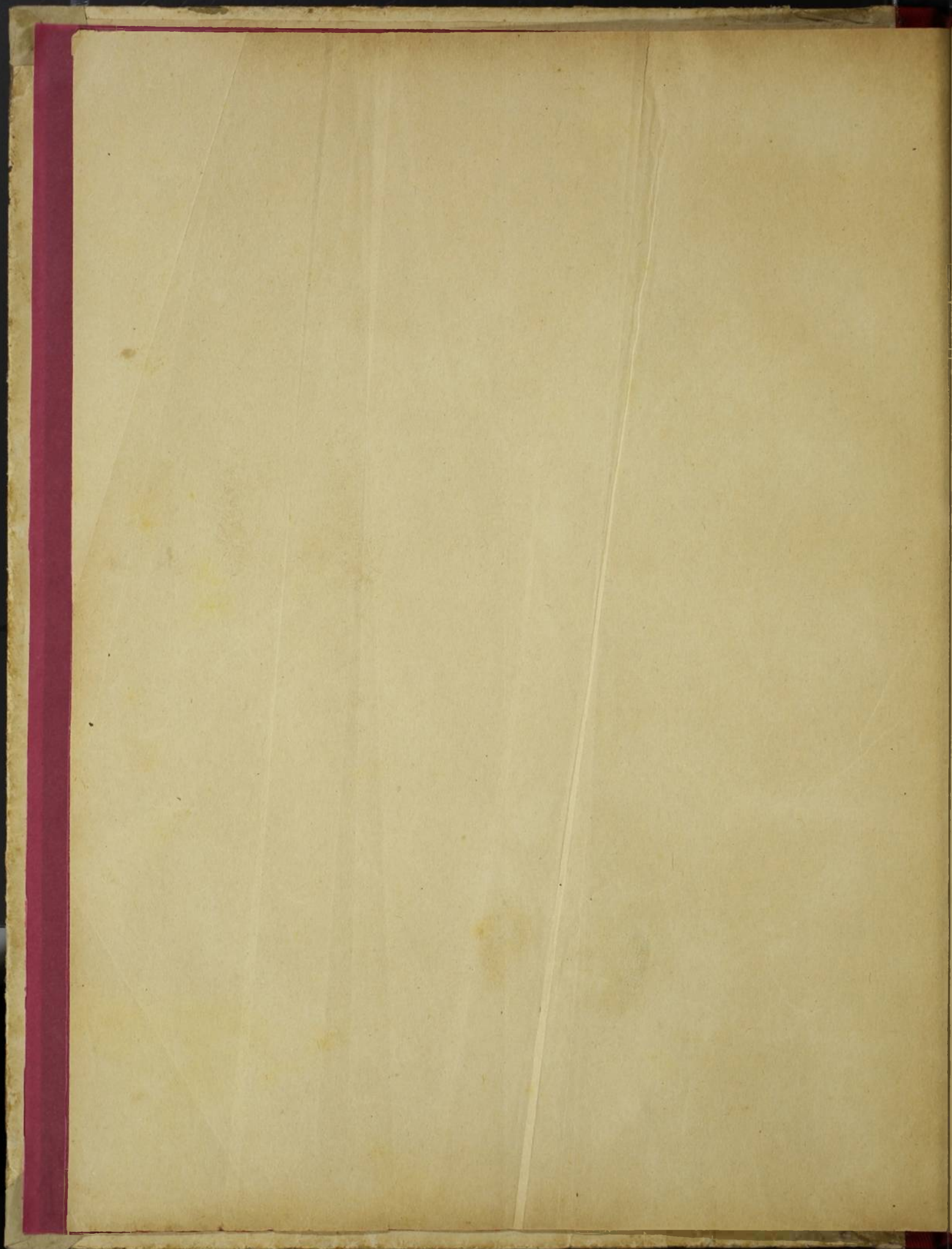




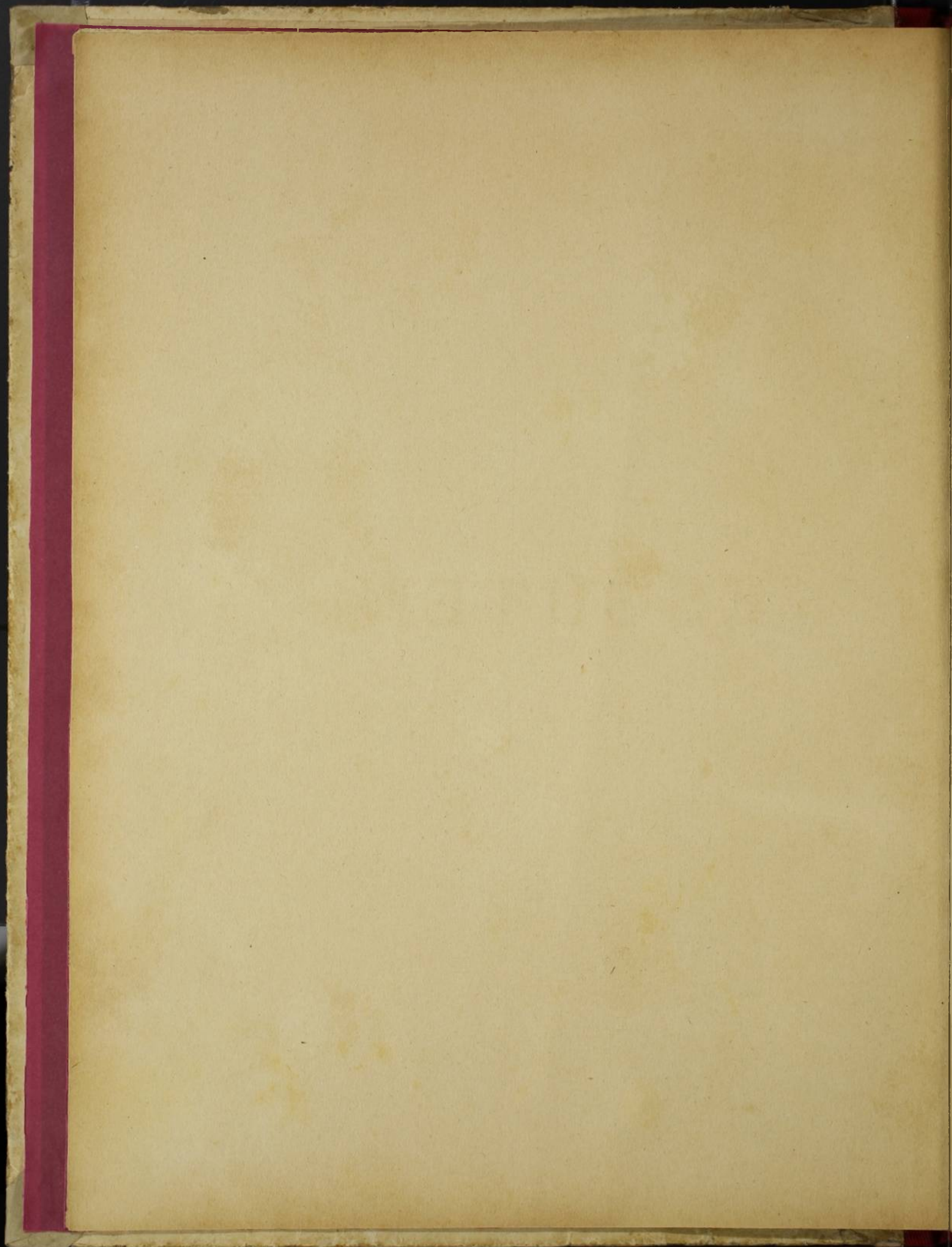
4569

Y f. 5

i



ESCUTEM!



ESCUTEM!

POR

BENJAMIM RABIER

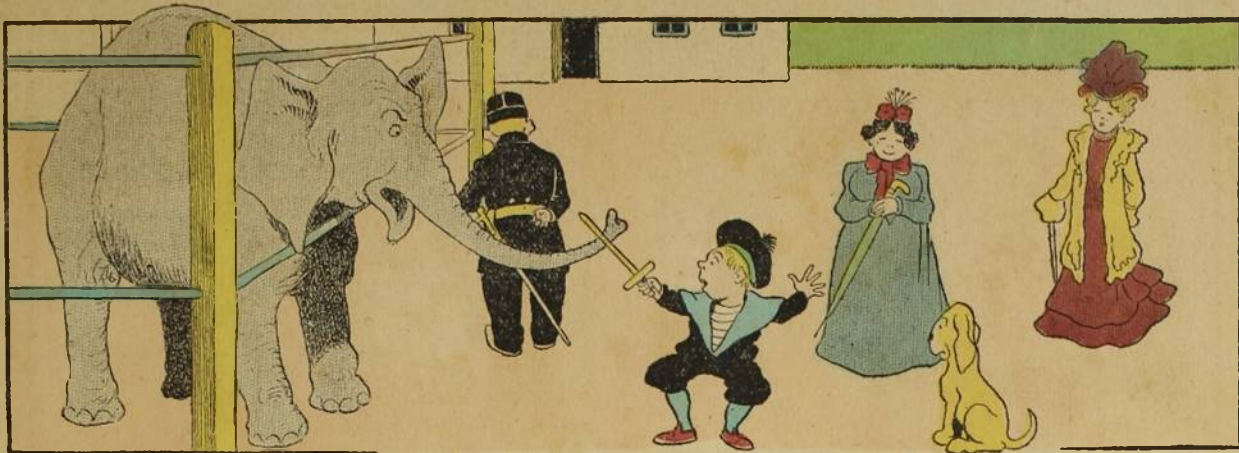


LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

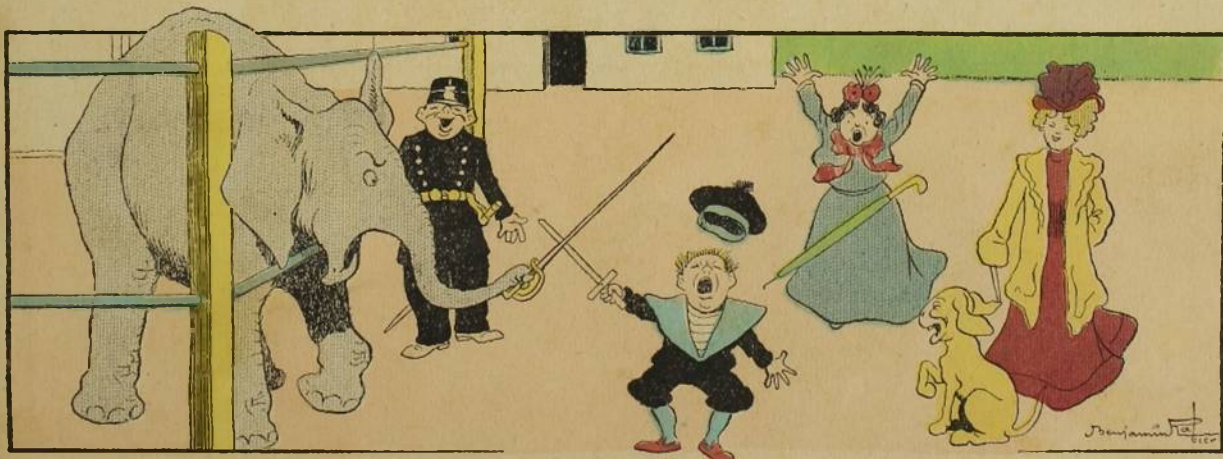
Faint, illegible text or markings in the upper right corner.



1. — Em guarda, elephante... em guarda!



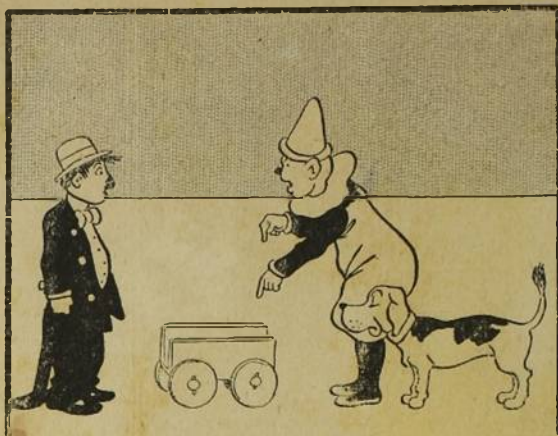
2. — Menino, dá-me, ao menos tempo de tomar uma espada para me defender.



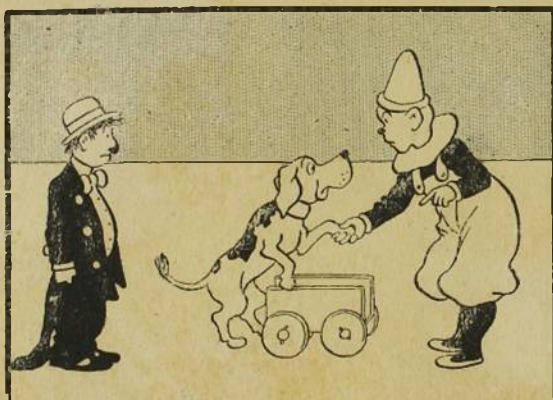
3. — Em guarda, menino... em guarda!



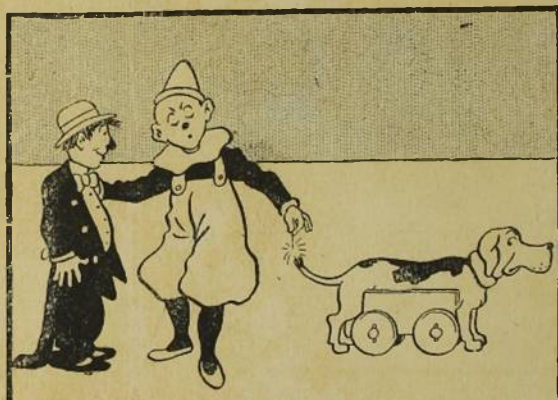
1. — Na tua idade, Augusto, não sabes ainda o que é um carro automovel!



2. — Presta-me um pouco de atenção... Vou fabricar um „automovel em alguns instantes. Eis, primeiramente, a caixa do carro...



3. — Eu introduzo agora na caixa um motor...



4. — Se fór um motor a petroleo, accendo a mecha...



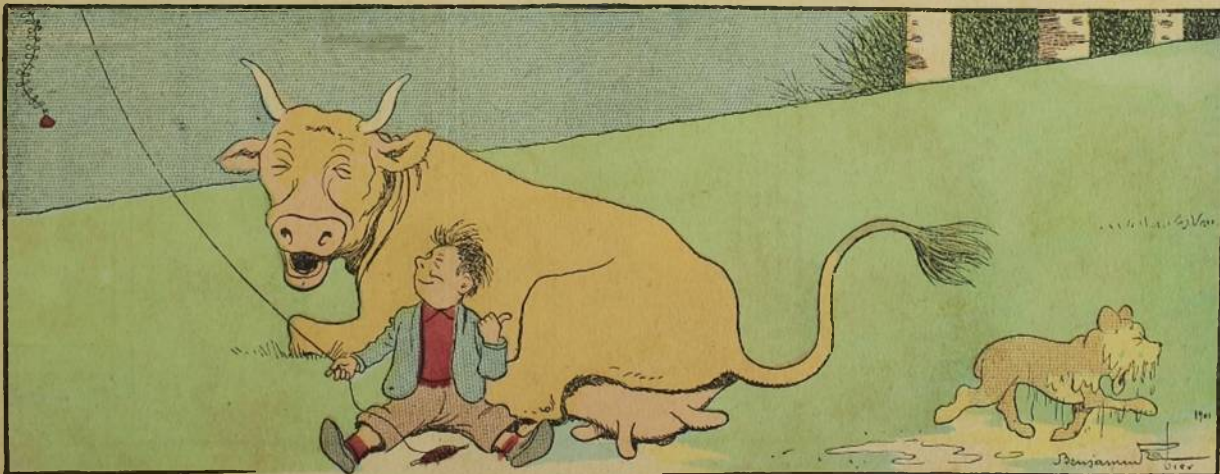
5. — É o automovel parte rapidamente!...



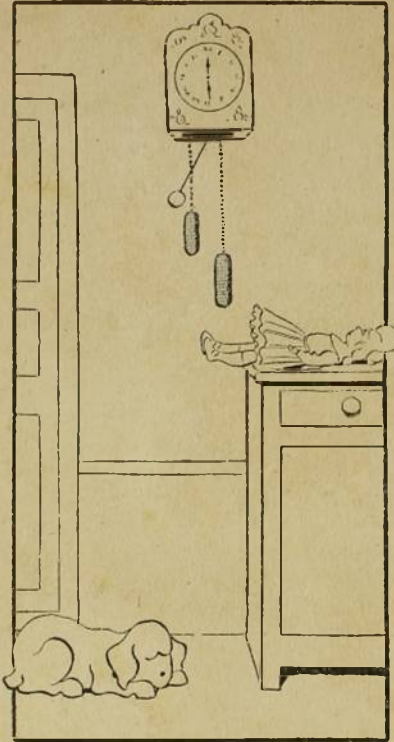
1. — Espera um pouco, cão importuno...



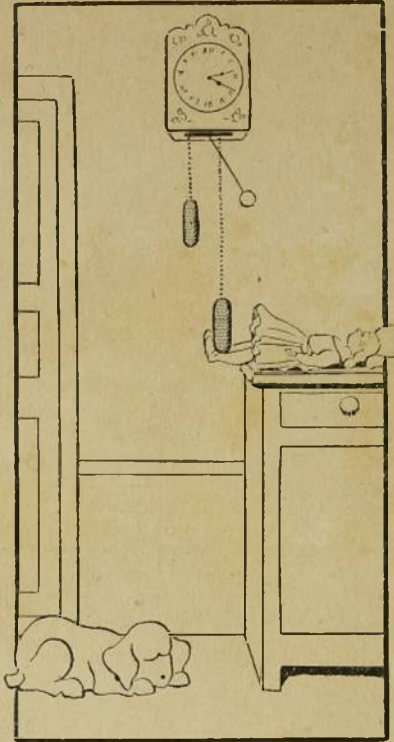
2. — Eis um duche que vae te calmar um pouco!



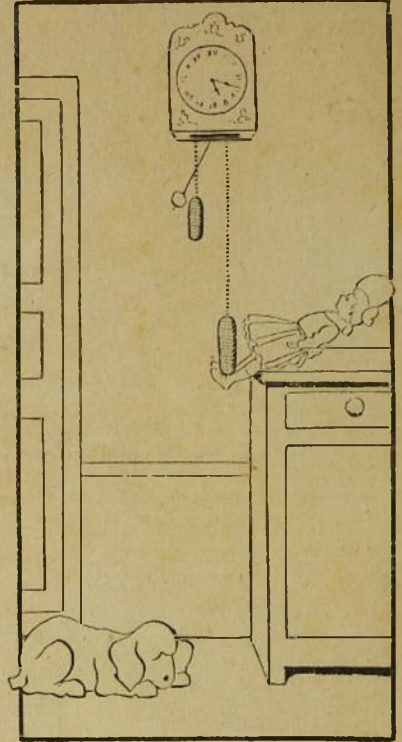
3. — Tomaste uma boa chicara de leite... Até logo!



1. — Meio-dia e meio.



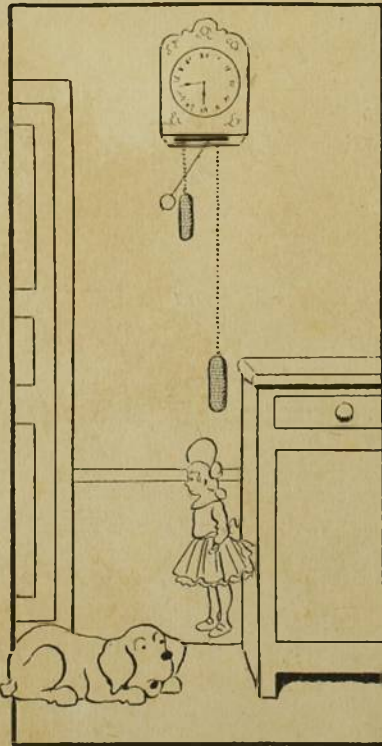
2. — Duas horas e vinte minutos.



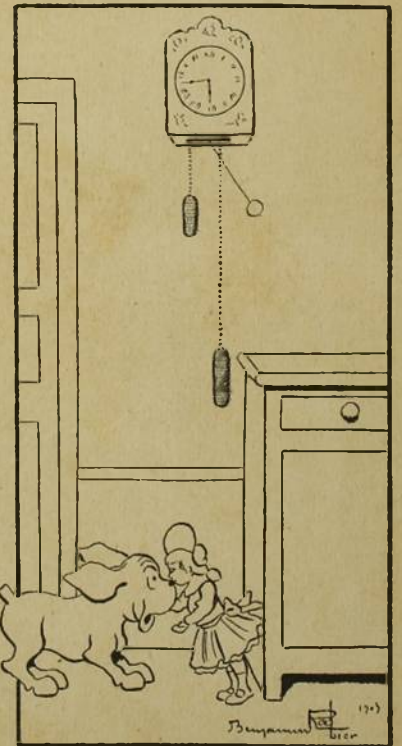
3. — Cinco horas e dezeseite.



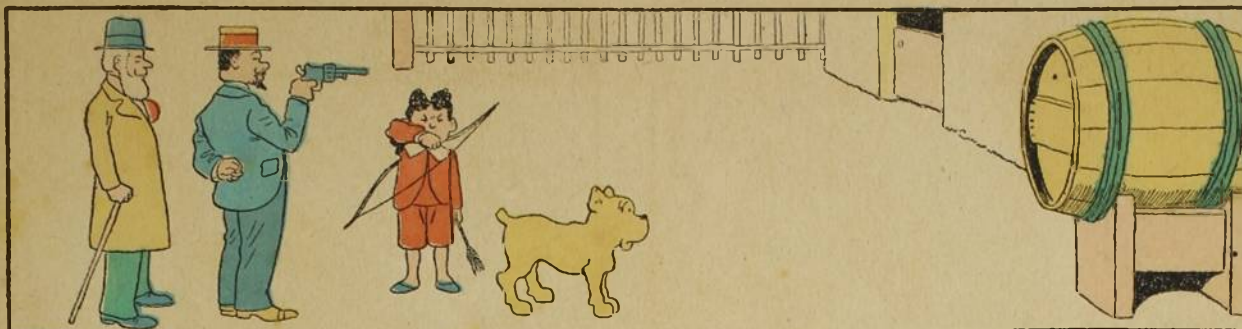
4. — Seis horas menos um quarto.



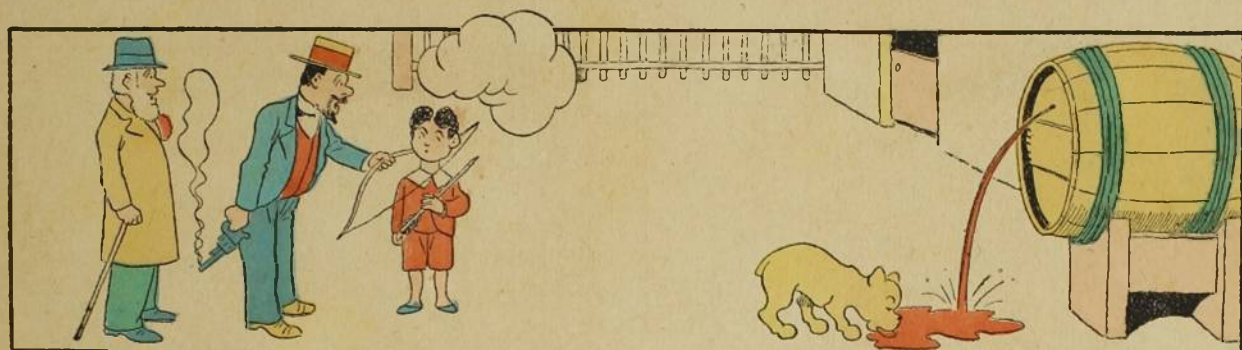
5. — Bom dia, Totó!



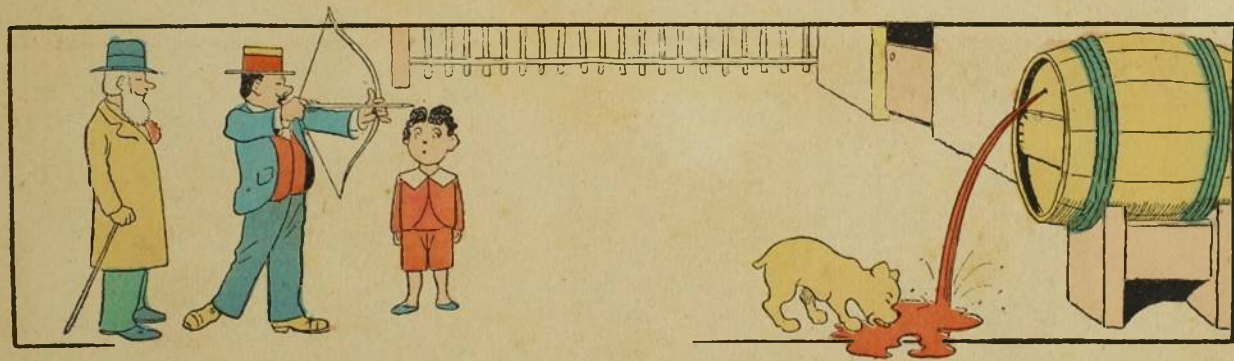
6. — Beijemo nos!



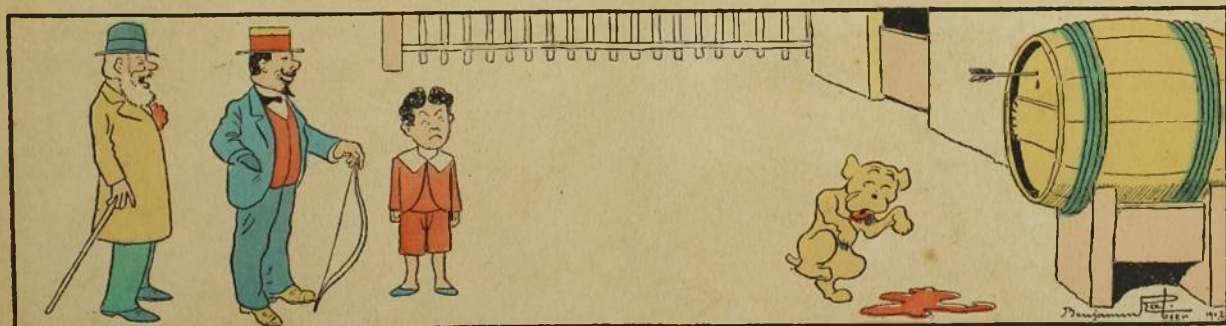
1. — No Sul, somos todos muito fortes no tiro. Estão vendo uma mosca que passeia tranquillamente no tonel?



2. — Pan! Esmagada a mosca! Oh! eu não sabia que o tonel estava cheio de vinho. Menino, dá-me o teu arco e a tua flecha...



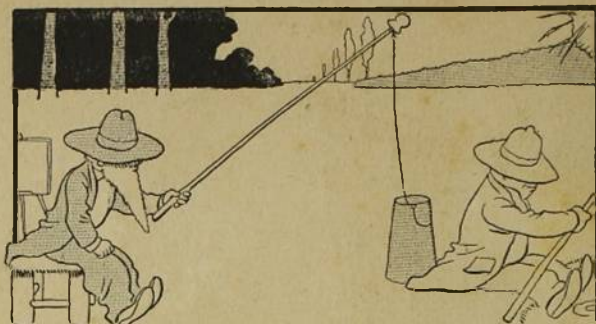
3. — Vou reparar o damno...



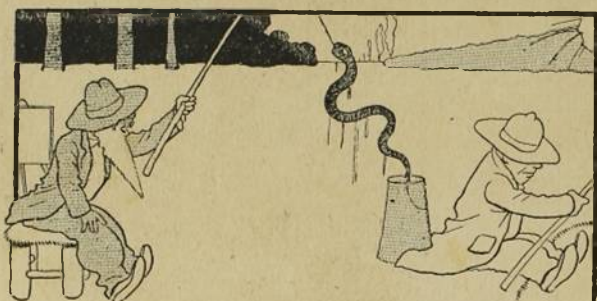
4. — Eis como somos todos no Sul...



1. — Eis um importuno cuja presença prejudica a minha perspectiva...



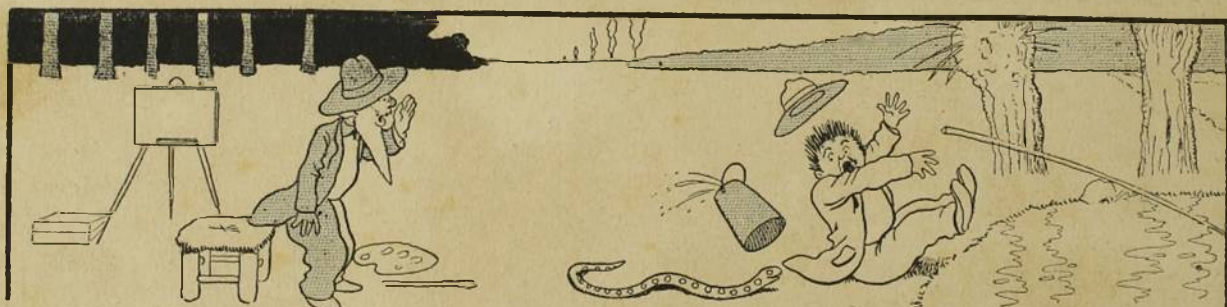
2. — Com o meu tento, um alfinete á guisa de anzol e uma migalha de pão...



3. — Póde-se fabricar um excellent instrumento de pescar enguias...



4. — Agora, empregemos convenientemente o branco e o vermelho...



5. — Soccorro! E' uma vibora monstruosa... Salve-se quem puder!



6. — Vou preparar uma boa fritada com esta innocente enguia...



1. — Vou contar-lhes como matei, na semana passada, um javali.



2. — Eu atravessava a floresta de Gatine, quando, a dois passos adiante de mim, vi um javali enorme...



3. — Sem perda de um segundo, apoderei-me de minha espingarda...



4. — E no momento em que o animal ia furioso investir...

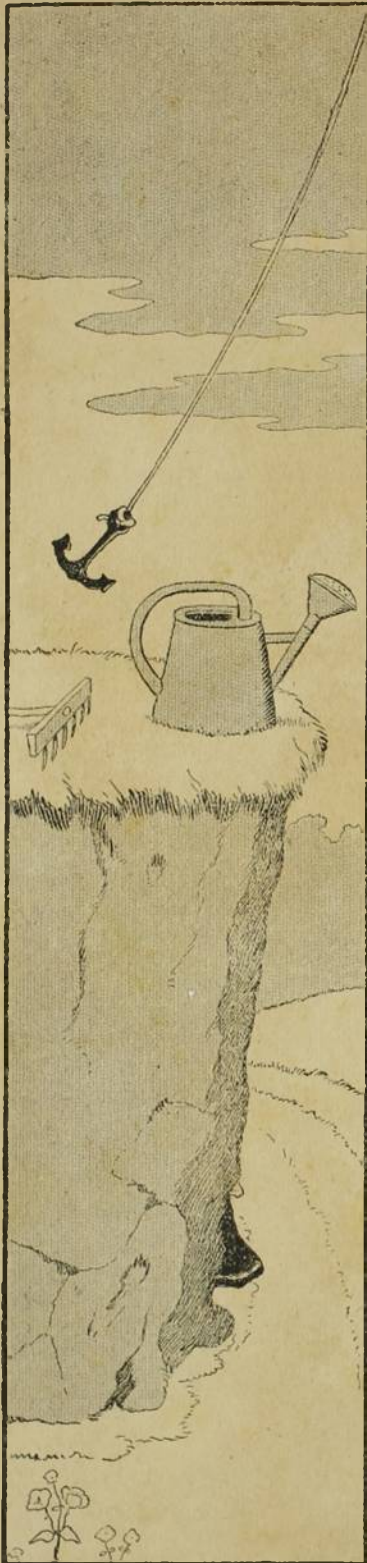


5. — Cravei-lhe uma bala entre os olhos. Corsario, o meu cão, quase ficou esmagado sob o peso do animal...



6. — Enxuguei o suor que me corria da frente, e, tranquillamente, acompanhado por Corsario, que saltava contente, voltei para a minha casa...

Benjamin Bier



1. —



2. — Que aborrecimento! Vae tornar a chover!



3. — Esta primavera está, decididamente, muito chuvosa!



1. — O caçador está dormindo. Uma cobra desce mansamente da árvore que abriga o caçador.



2. — A cobra se enrola na espingarda, no momento em que um bello faisão vem pousar n'um galho...



3. — A cobra apoia a cabeça no gatilho e a espingarda dispara. A bala mata o faisão.



4. — O caçador accorda e, surpreso vê cair o faisão aos seus pés. E', então, certo, diz elle comsigo, que a fortuna vem quando dormimos?



1. — Iago, que tem o funesto costume de metter o nariz em tudo...



2. — Descobriu um ninho de viboras negras...



3. — Os efeitos da mordedura são fulminantes: o corpo incha e a pelle se cobre de manchas escuras.



4. — Que vejo! Um leopardo no bosque de Meudon! exclamou o caçador. Essa fêra devorou, certamente, o meu pobre Iago!



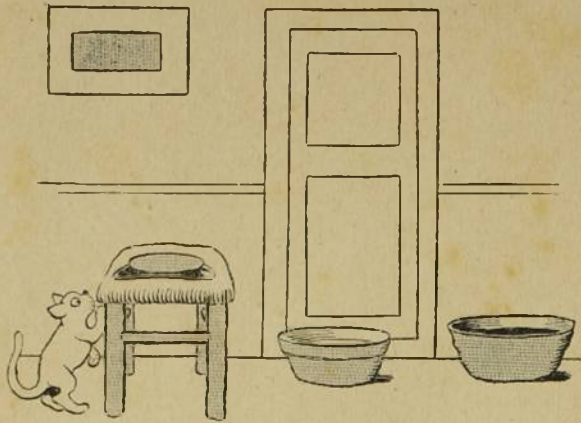
5. — Espera! vaes pagar-me!



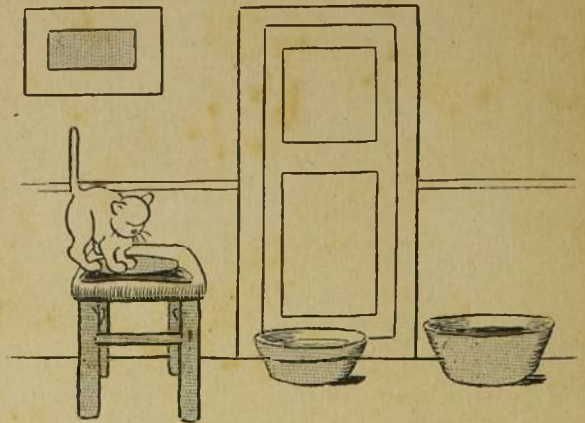
6. — Que magnifico tapete vou oferecer a minha mulher, com a pelle d'este bello leopardo!



A GARÇA. — Veja se me deixa, ao menos, um pedacinho de perna para andar...



1. — Subamos...



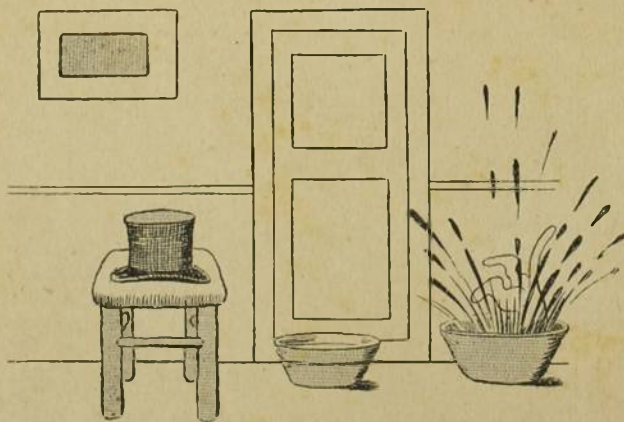
2. — Que instrumento é este?



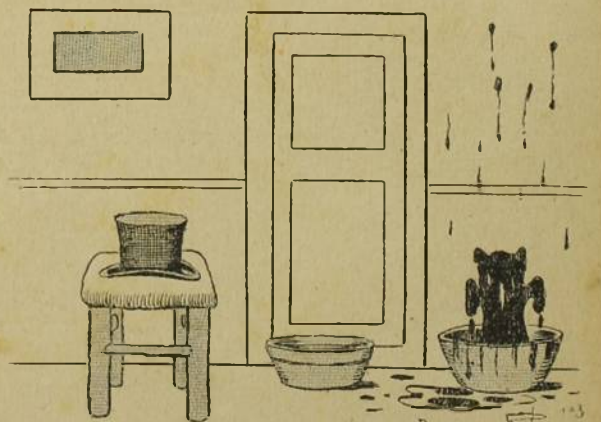
3. — Que vejo! Uma vasilha de leite!



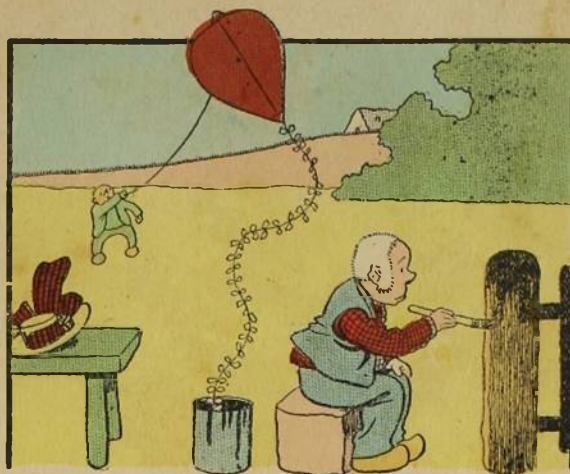
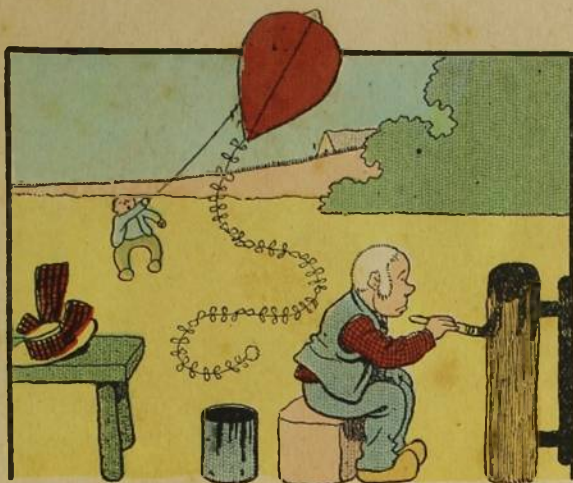
4. — A onde vou eu?



5. — Na tina de tinta preta...



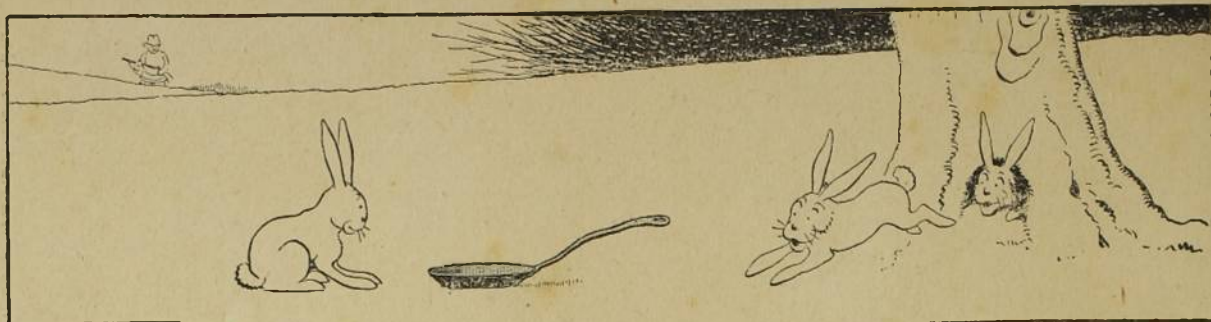
6. — Vejo hoje tudo negro...



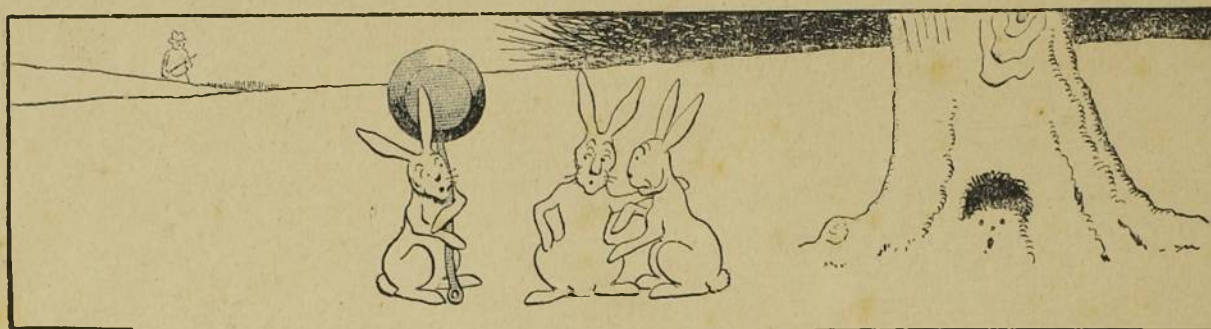
1. — ADOLPHO. — O que amo, mai do que tudo, são teus bellos olhos tão negros...
GENOVEVA. — Exaggeras, Adolpho.



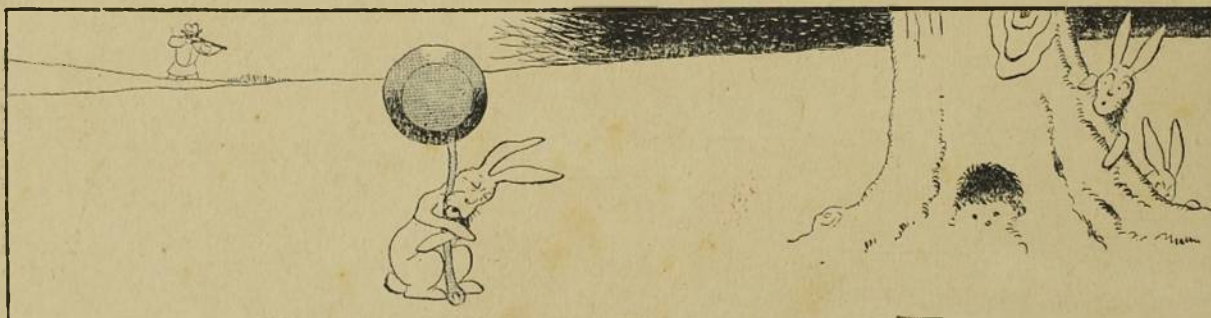
2. — ADOLPHO. — Asseguro-te que não exagero!!



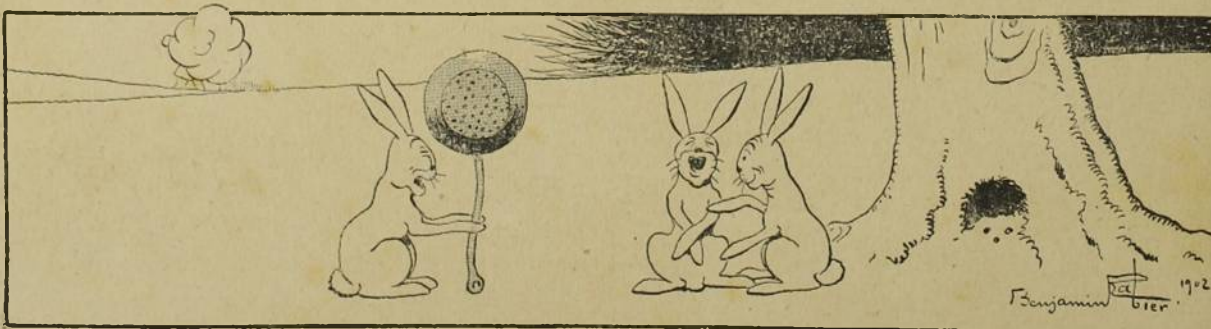
1. — Oh! uma frigideira velha!



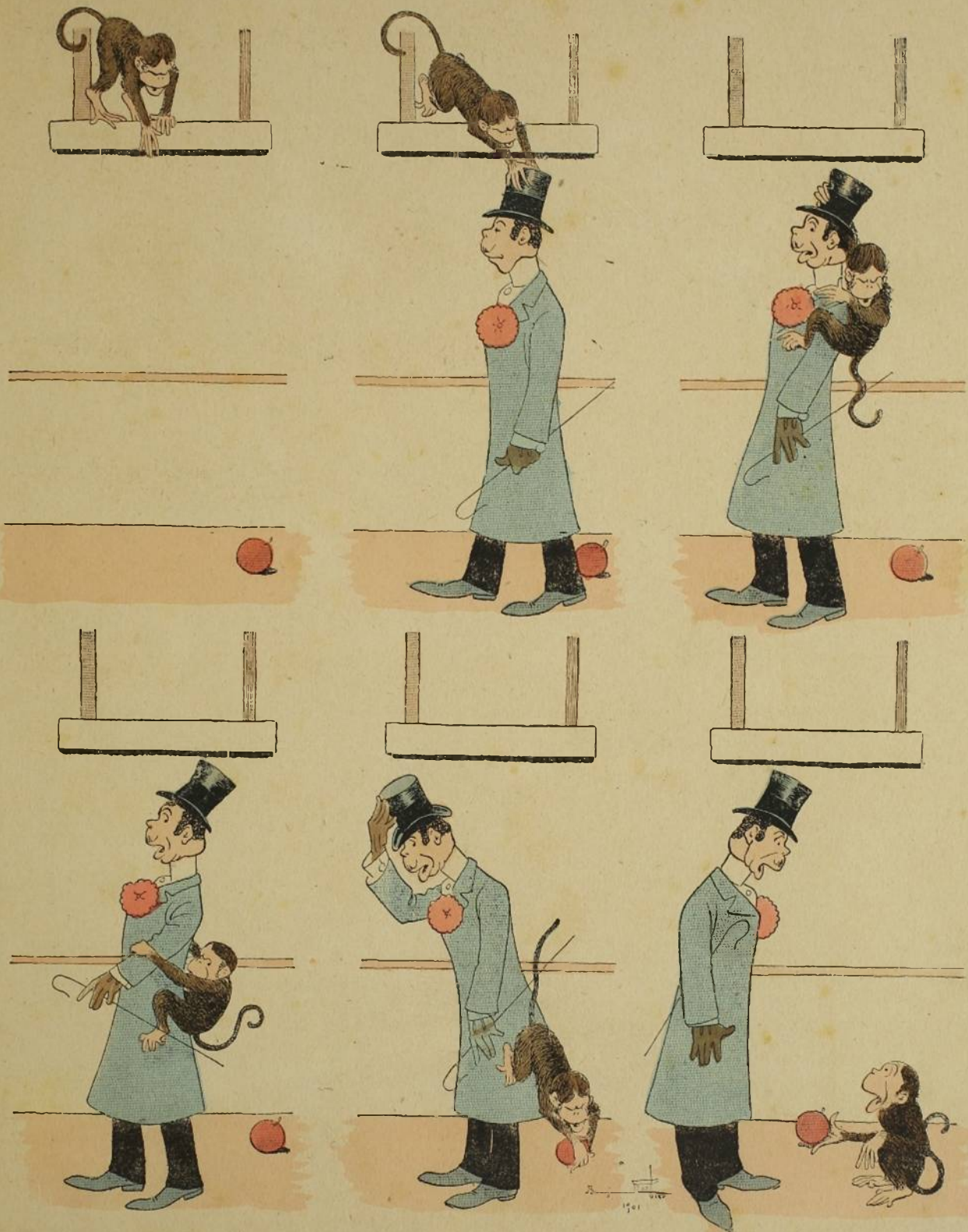
2. — Vou mostrar-lhes que posso instantaneamente mudal-a em espumadeira...



3. — Eis um caçador que se aproxima. Escondam-se. Começo... um... dois...



4. — Tres!!

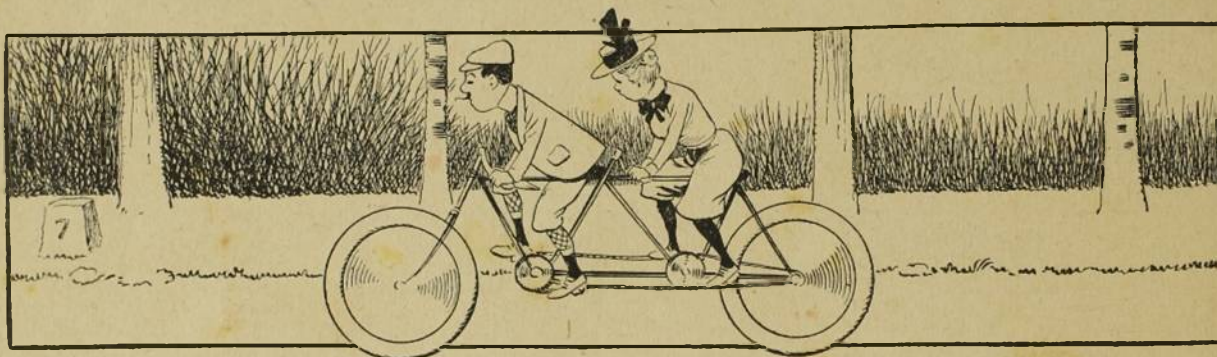


O HOMEM. — Maldito animal!

O MACACO. — Não ha mal que eu esteja *descendo* do homem, se, ha muito tempo, o homem *descende* do macaco.



1. — O PRETOR. — A mulher deve acompanhar, por toda a parte, o marido...

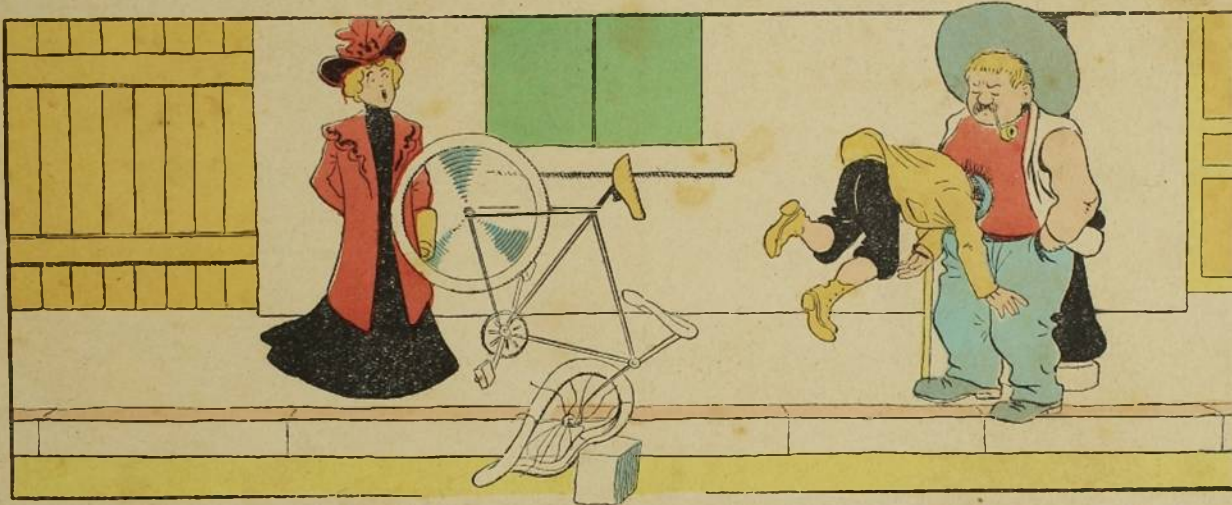


2. — O MARIDO. — Vens, Juliana?
A MULHER. — Eu te acompanho, Ernesto!...





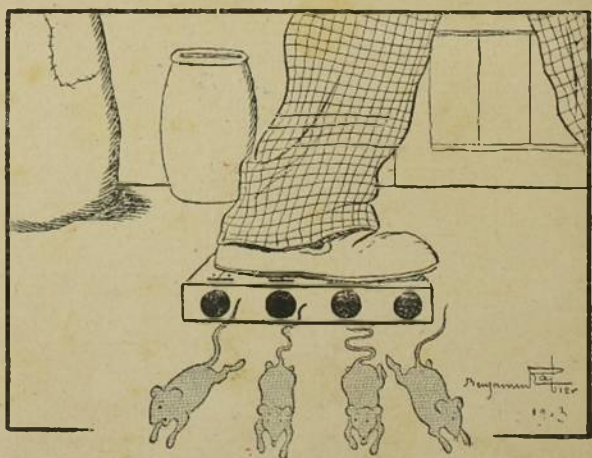
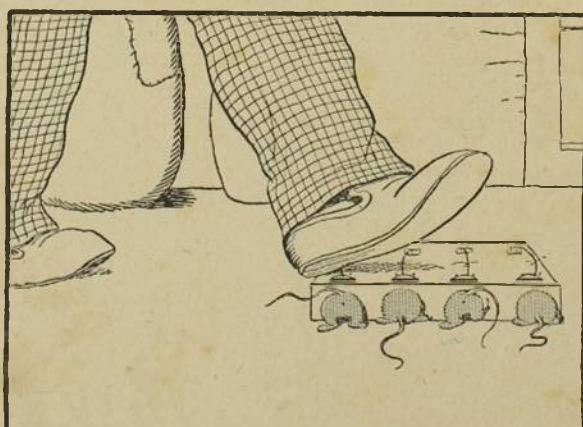
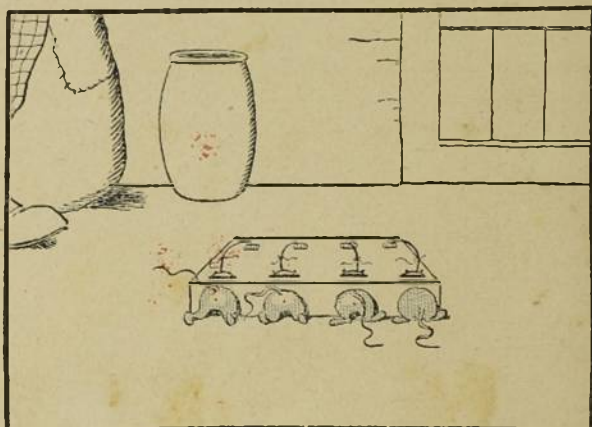
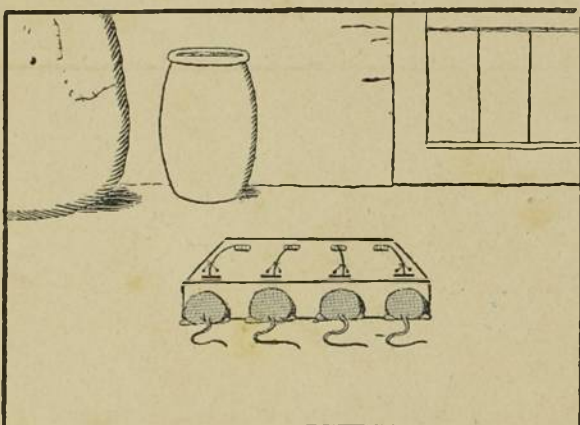
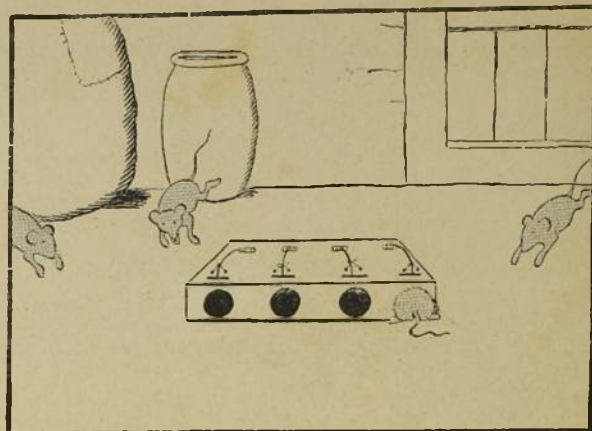
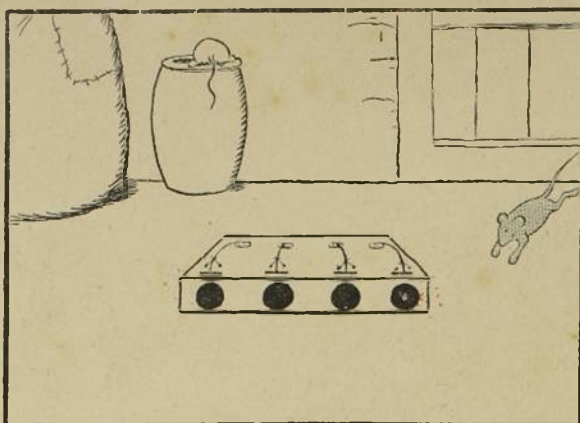
1. — Gustavo, cujos olhares se concentravam n'uma bella transeunte, não viu uma pedra que havia no caminho.



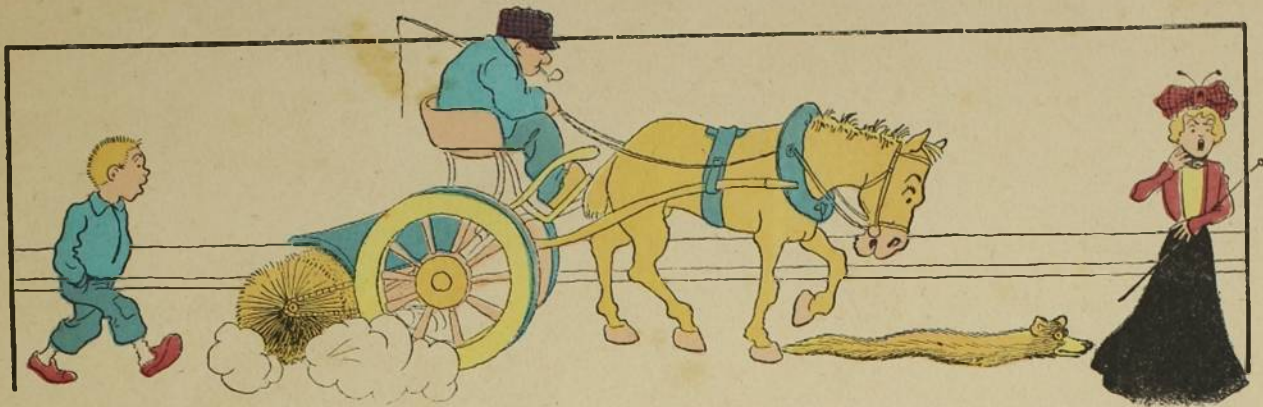
2. — A bicicleta parou, mas Gustavo foi além, indo bater com a cabeça no ventre magestoso de um carregador do mercado.



3. — Quem te permitiu, imbecil, tratar-me com essa familiaridade?



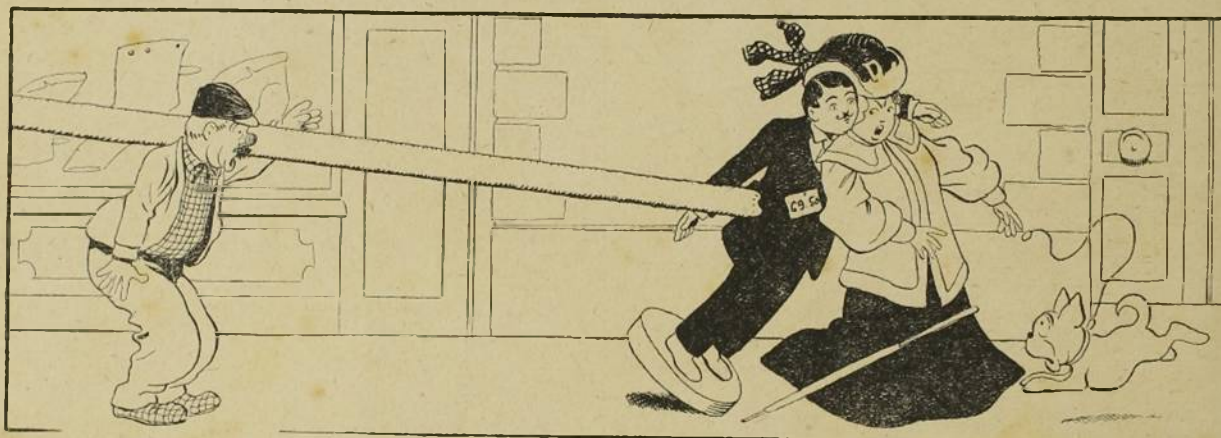
A ratoeira foi installada. Um ratinho, dois... tres... quatro vieram comer o toucinho. Presos! Felizmente, um pé veio salvar-os... Do peccado da gulodice os quatro camondongos ficaram, definitivamente, curados.



— Obrigado, minha senhora; basta-me a satisfação de lhe ter prestado um pequeno serviço...



1. — A condessa saiu a passeio com a sua cadellinha Mirza.



2. — Um carpinteiro, distraído, que transportava uma viga, derrubou o manequim de uma loja de roupas feitas.



3. — O manequim caiu sobre a condessa, que, indignada, applicou uma bofetada energica no rosto de um individuo tão insolente.



4. — Mas as faces do manequim eram, infelizmente, do pão. A condessa lançou um grito de dôr, enquanto o manequim cahia com estrondo na calçada.



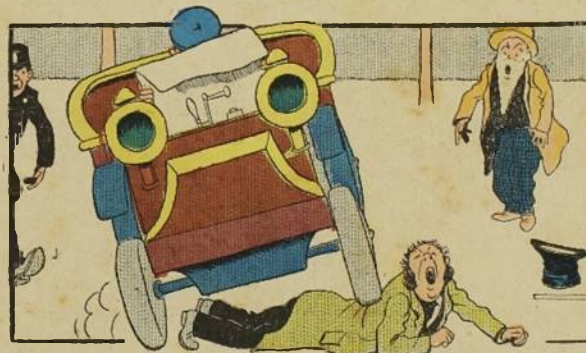
1. — Tenho uma dôr tão aguda nas costas que dificilmente posso respirar...



2. — Ah! Foi mesmo no ponto dolorido...



3. — Ai! Ai! Como é pesada essa mulher!

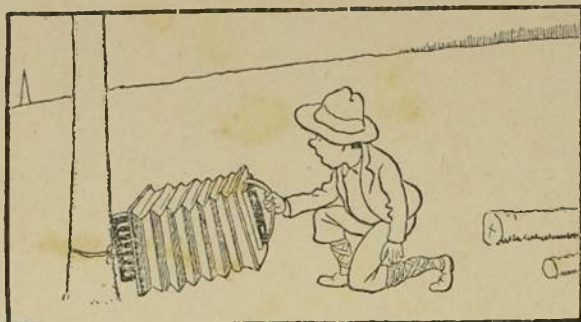


4. — Uf! Morri...

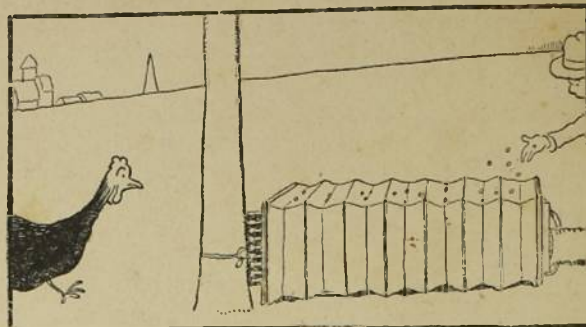


5. — Não... Sinto-me melhor... E' curioso! Já não tenho a pontada!...

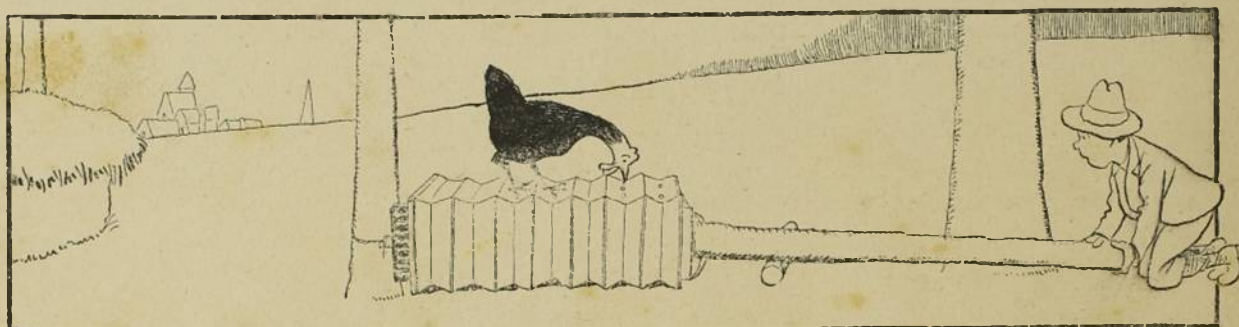
Benjamin Greer



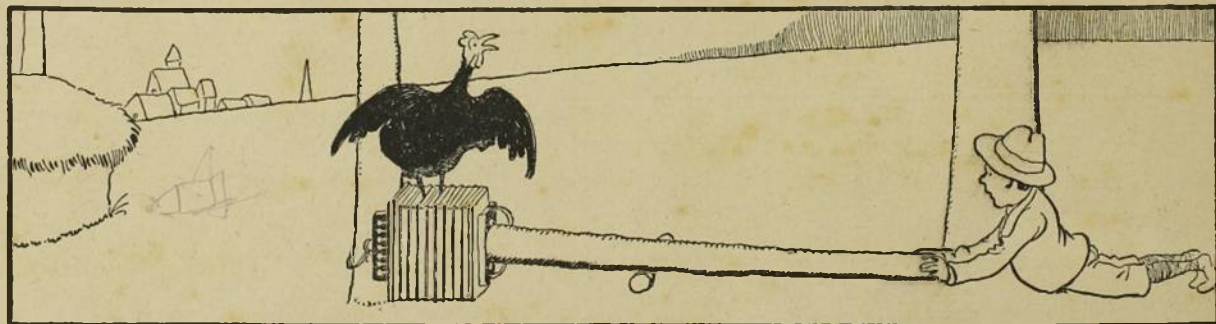
1. — Inventei um estratagemas extraordinario para apanhar gallinhas.



2. — Abro o meu harmonium e n'elle semeio alguns grãos de milho



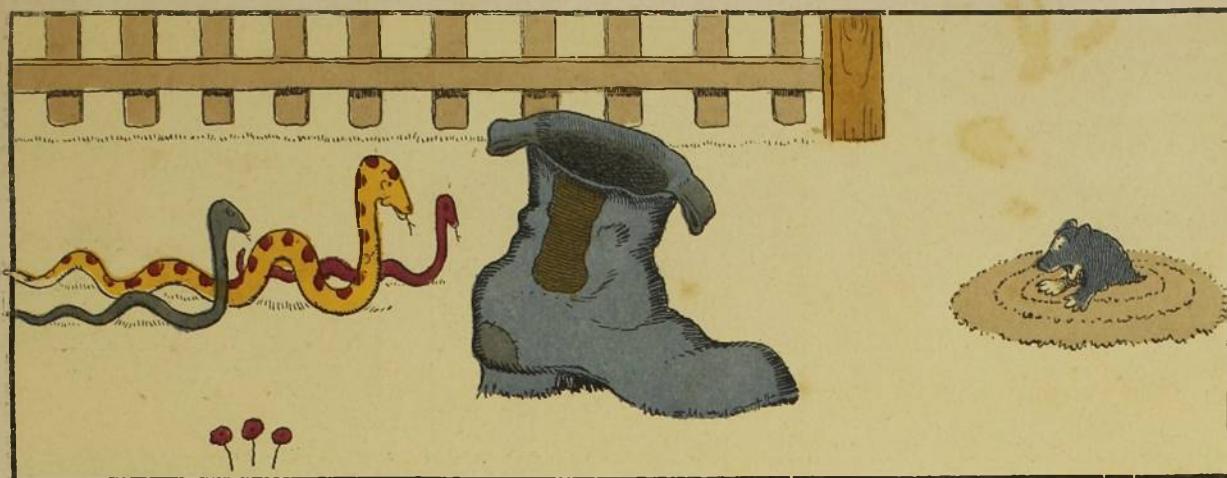
3. — Espero que uma gallinha, attrahida pelo milho...



4. — Venha ahi pousar...



5. — E retiro-me muito contente...



1. — AS COBRINHAS. — Que é isto?
A COBRA-MÃE. — É um instrumento de destruição...

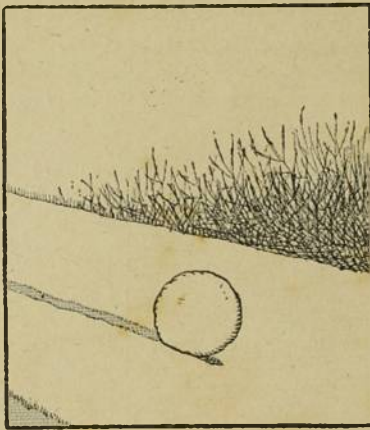
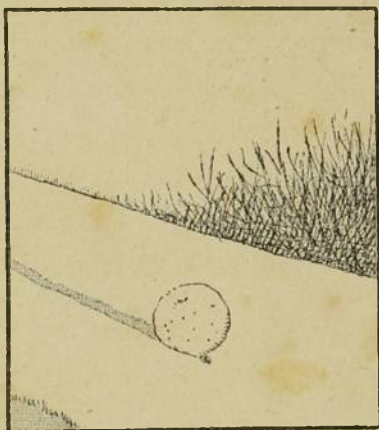
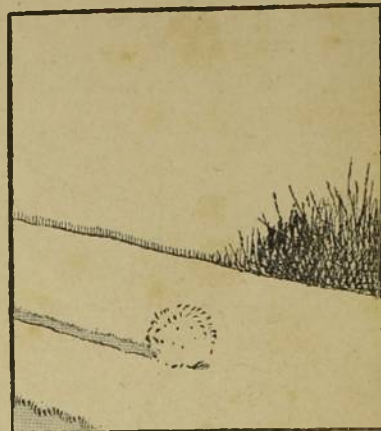


2. — A parte da frente serve para atirar longe os ratos e as toupeiras...



3. — A parte de traz é destinada a esmagar a cabeça das cobras!!!

Benjamin Taber 1903



1. — E' admiravel o boneco que fiz!

2. — Só lhe faltam verdadeira-mente os cabelos.

3. — Oh!

Benjamin



1. — M^{lle} Irma vai á procura dos objectos de que precisa, para fazer um chapéo á ultima moda.



2. — Os adornos necessarios são facilmente obtidos.



3. — O chapéo faz sensação e attráe os cumprimentos amaveis dos homens e a terrivel inveja das mulheres.



1. — O GATO. — Que bello pombo!



2. — O GATO. — Adoro essa ave!



3. — O GATO. — E' macio e gostoso...



4. — A MULHER. — Céos! O meu pombo tranformou-se em gallinha!



1. — Verás o que te vae acontecer, meu collega; julgas que será lido o teu cartaz?



2. — Que audacia!



3. — Caro collega, repara agora onde vou collar o meu.



4. — Viste a onde foi parar o meu pincel?



5. — Ainda não é tudo; não está terminada a operação.



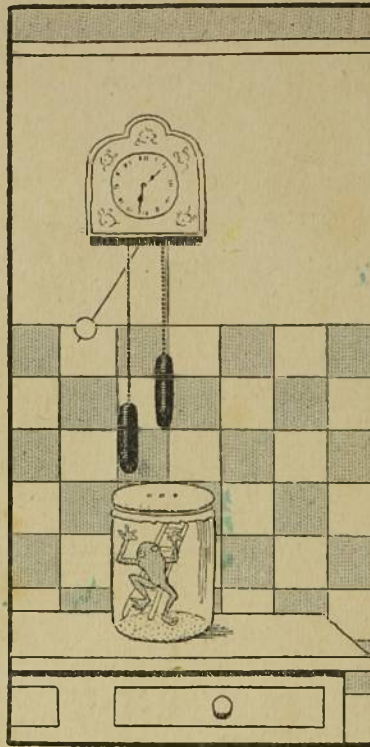
6. — Sou mais perito no manejo do arco do que Guilherme Tell.



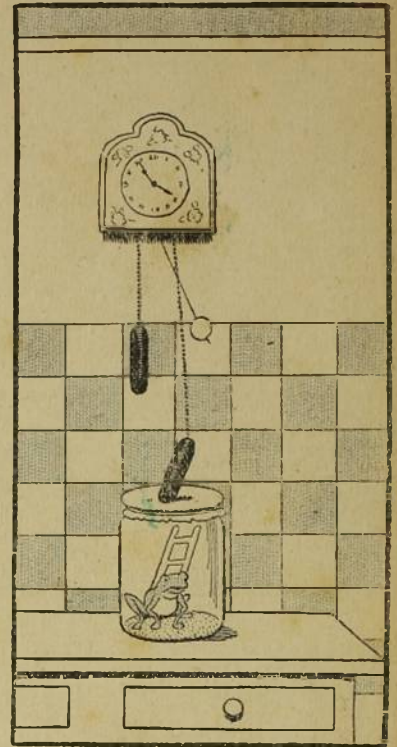
7. — Cobrirás agora o meu cartaz com o teu... se puderes.



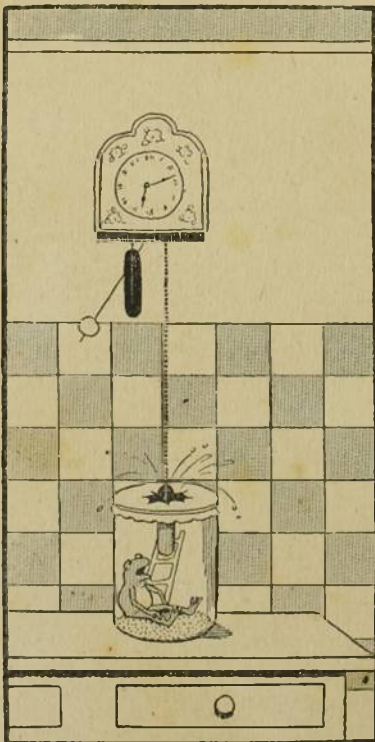
1. — Creio que teremos bom tempo : a minha rã está subindo.



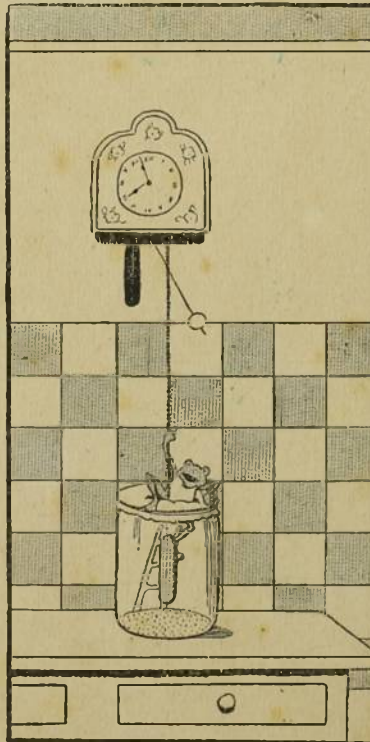
2. — Tic! tac! tic! tac! O peso de ferro vem descendo...



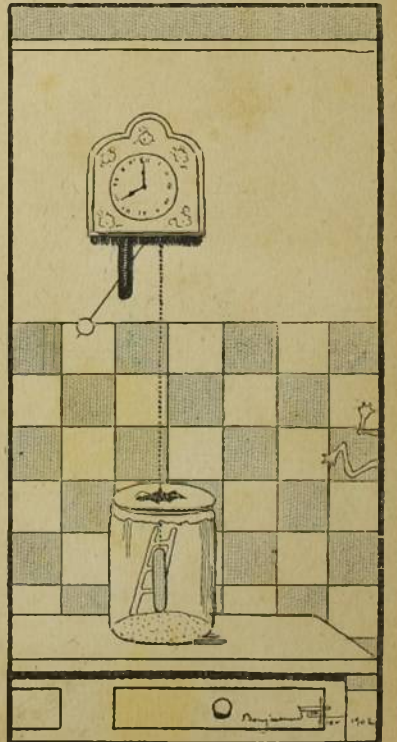
3. — E cáe sobre a fragil folha de papel que cobre o bocal da rã.



4. — O papel foi dilacerado.



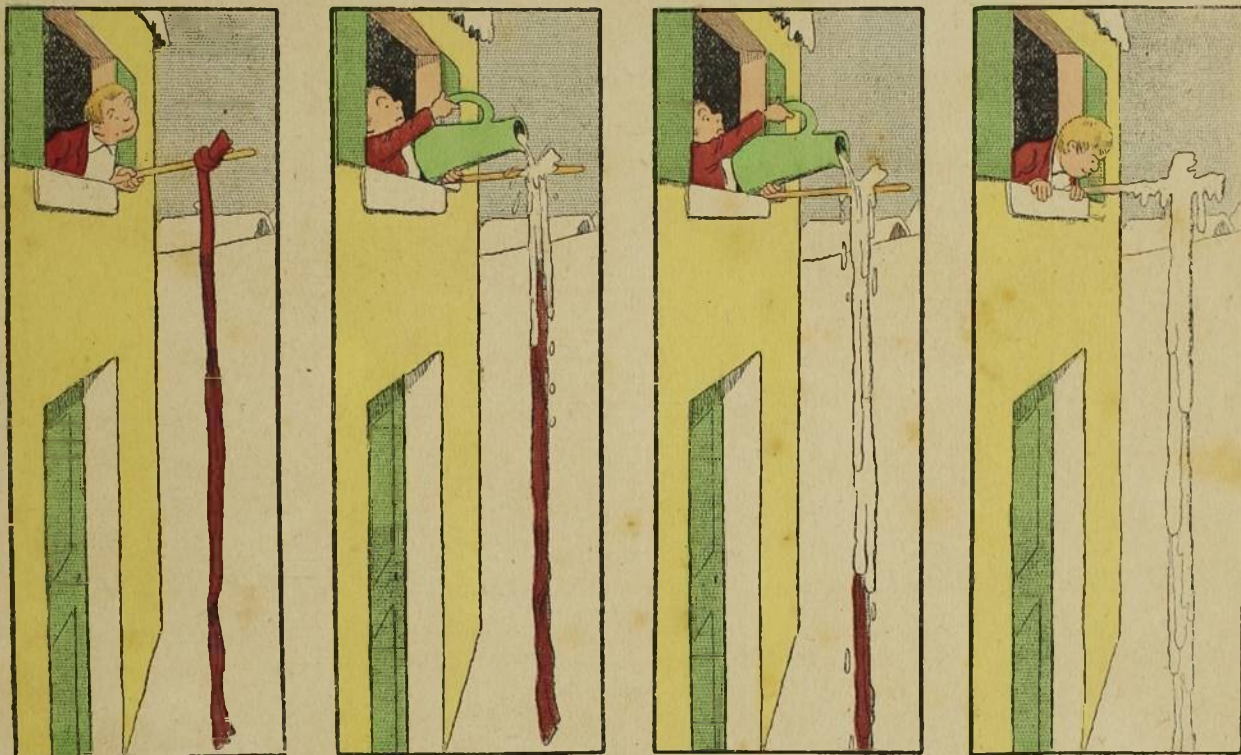
5. — A rã viu, de repente, aberta a prisão. Viva a liberdade! exclamou.



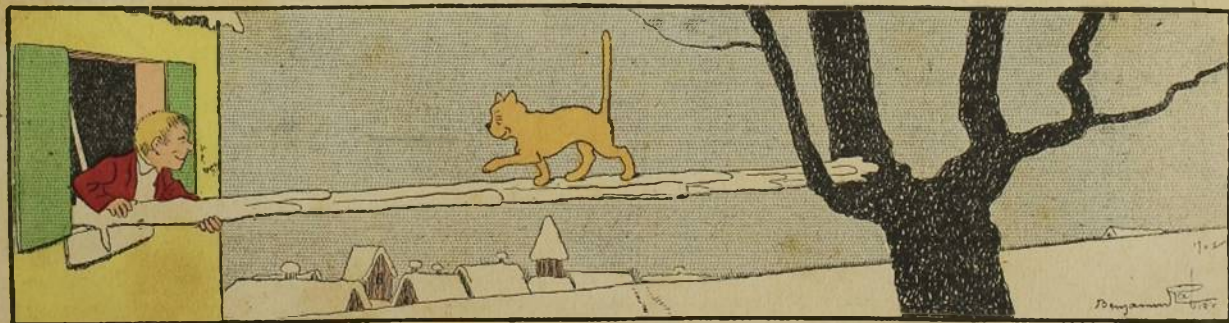
6. — E partiu sem demora para o pantano vizinho.



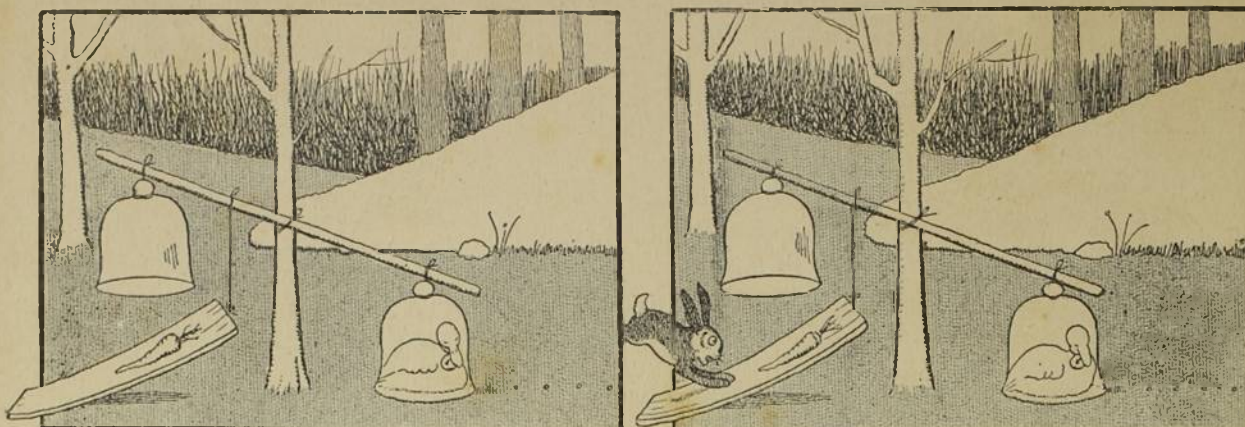
1. — Que faria Mauricio para que o gato pudesse entrar em casa? Seus paes tinham sahido, levando a chave da porta.



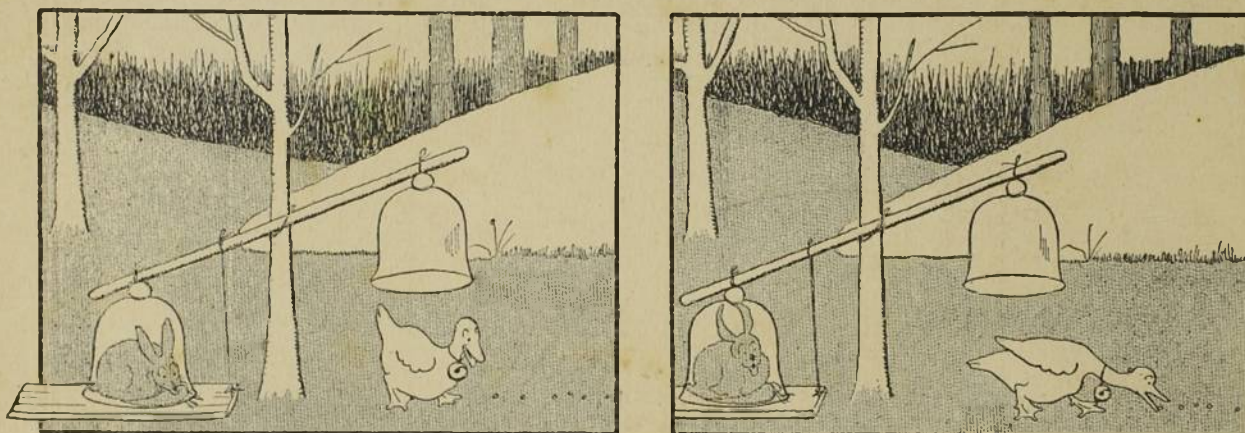
2. — Mauricio teve uma idéa. Tomando um « cache-nez » de algodão, uma das extremidades do qual atou a uma bengala, derramou n'elle o conteúdo de um jarro d'agua. A fazenda se embebeu do liquido que congelou, pois a temperatura era n'aquelle dia de dez grãos abaixo de zéro. Obtido esse longo bastão de gelo...



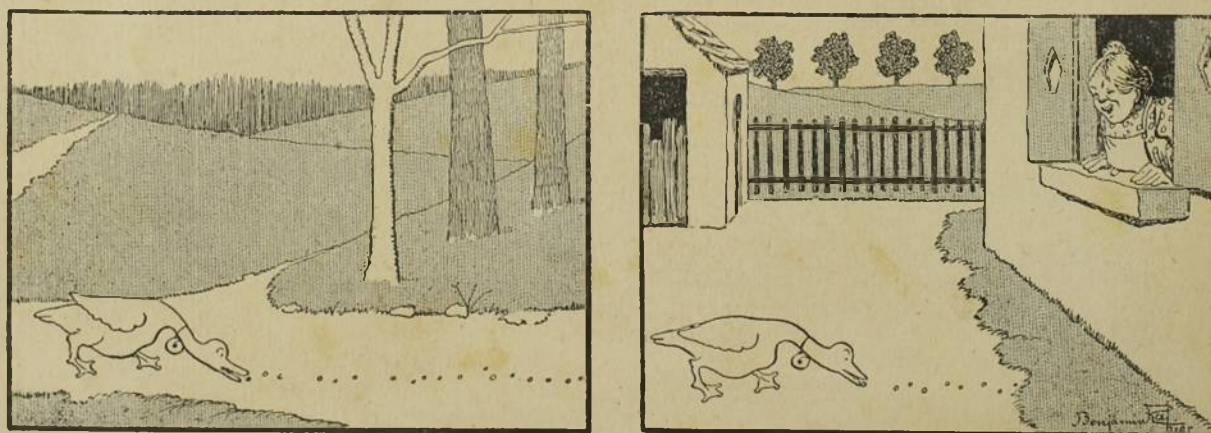
3. — Mauricio estabeleceu uma communicacão entre a arvore e a sua janella. O gato não hesitou em atravessar essa ponte improvisada.



1. — Se no campo, quizeres, amigo leitor, comer um coelho, poderás caçal-o facilmente do seguinte modo. Com duas campanulas, uma cenoura e um pato, prepararás a armadilha. O coelho vem comer a cenoura...



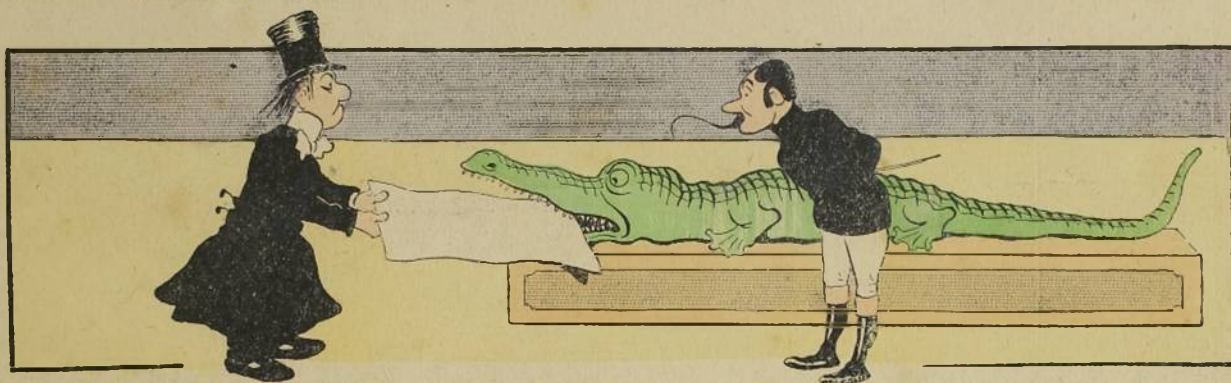
2. — O seu peso faz descer uma campanula, que o retém prisioneiro, enquanto a outra, levantando-se, dá liberdade ao pato, o qual começa a devorar os grãos de milho que previamente tiveres semeado até a tua casa.



3. — Ahi, a ave entra, alegremente, agitando o guizo que lhe foi fixado ao pescoço. A cozinheira é, assim, avisada de que ha coelho para o almoço. Conhecês alguma cousa mais facil e mais simples?



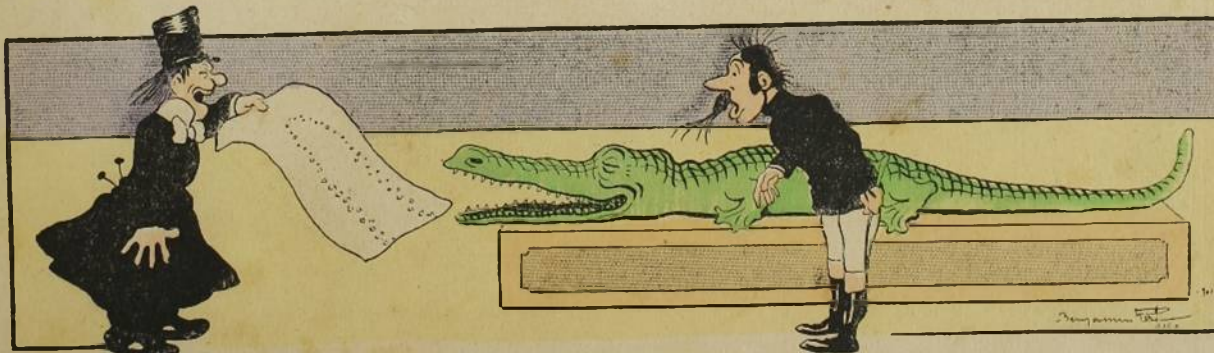
1. — O DOMADOR. — Sr. dentista, eu desejaria oferecer ao meu crocodilo uma dentadura postiça. Queira tomar medida de sua delicada bocca...



2. — O DOMADOR. — Trouxe os seus instrumentos?
O DENTISTA. — Não; tenho aqui apenas uma folha de papel



3. — O DENTISTA. — Mas isso será suficiente...



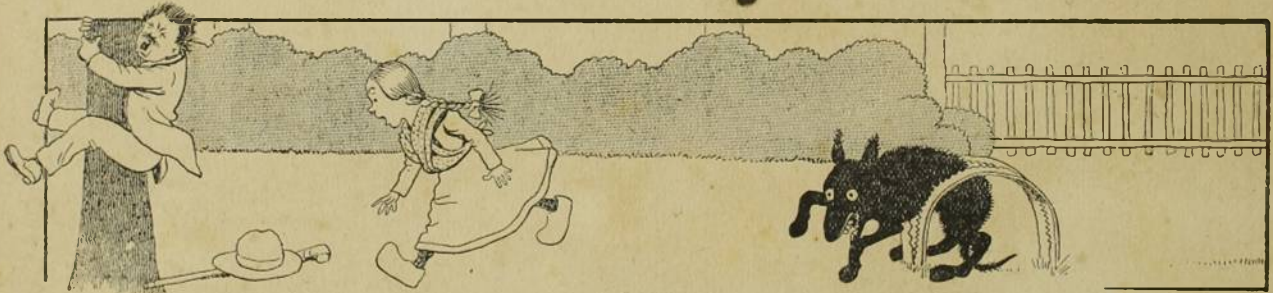
4. — O DENTISTA. — Estão aqui as medidas...



1. — Um dia, contou Manlio, eu passei pelos arredores de Beaucaire, quando vi uma menina que corria, perseguida por um lobo esfaimado.



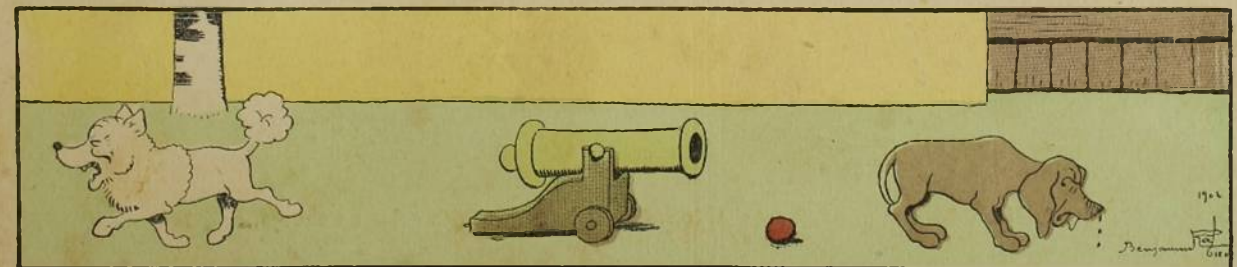
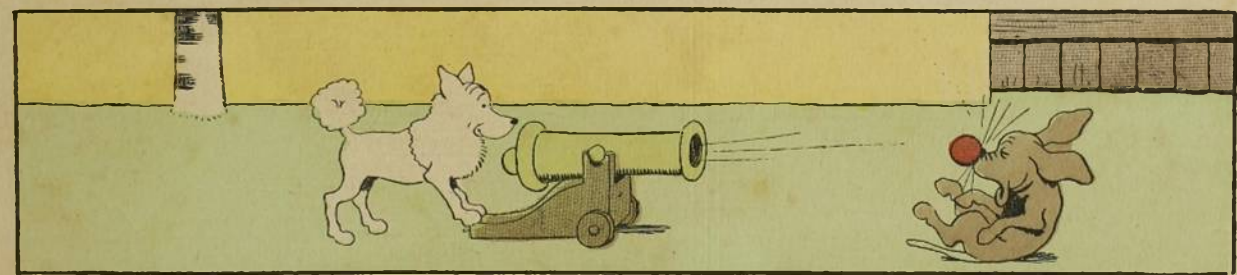
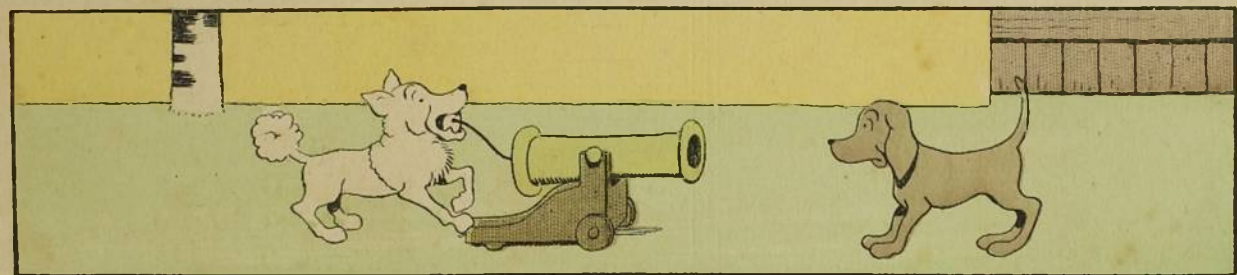
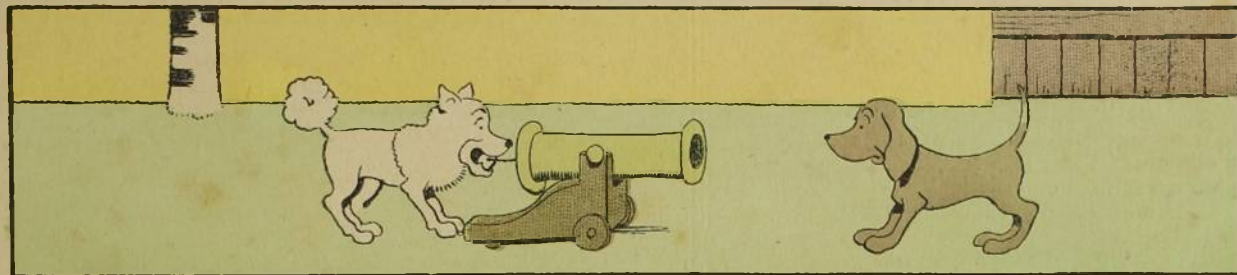
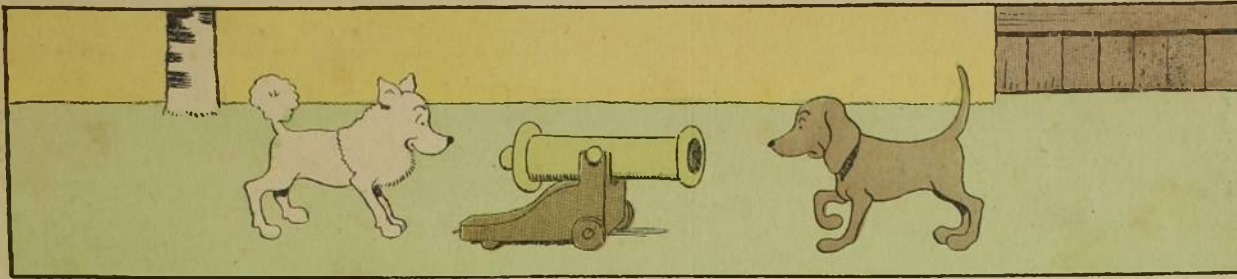
2. — Eu disse calmamente ao animal : « Vaes deixar em paz' essa menina, ou então conhecerás de perto Manlio, o valente caçador de Beaucaire. »



3. — Desde que ouviu o meu nome, o lobo, aterrorizado, parou. Fazia pena : não podia dar um passo.



4. — A pobre menina, mais morta do que viva, cahiu nos meus braços, soluçando. Eu a tranquillizei, e juntos caminhamos na direcção da cidade.



1904
Dreyfus
Paris
USA



1. — Que calor! A minha cabeça está em ebulção n'este chapéu, que não tem, infelizmente, uns orifícios para a ventilação.



2. — Attenção, Vulcano... um perdiz. Destreza e sangue frio...



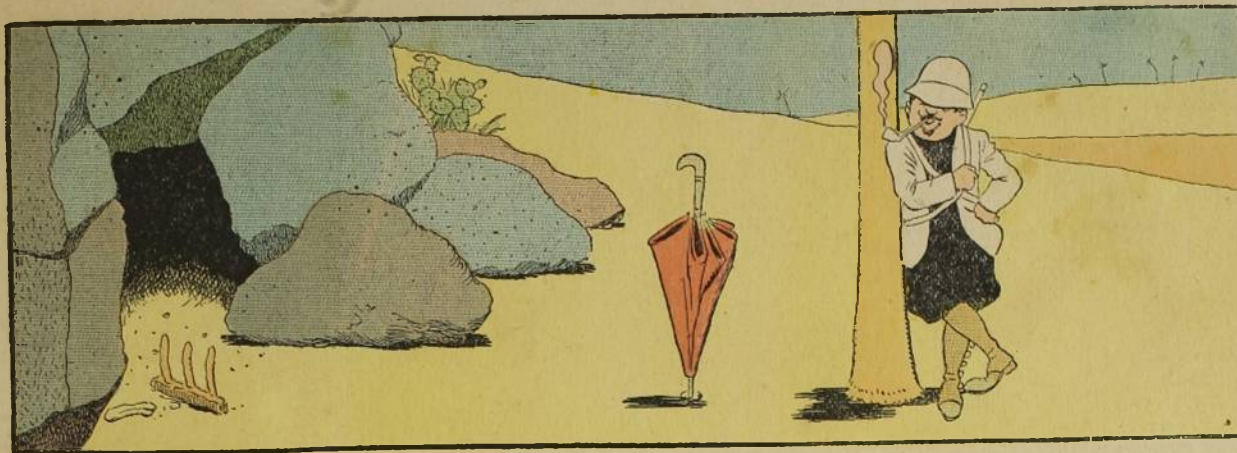
3. — Maldito vento... Foi-se o meu chapéu.



4. — Pan! A perdiz foi ferida, certamente.



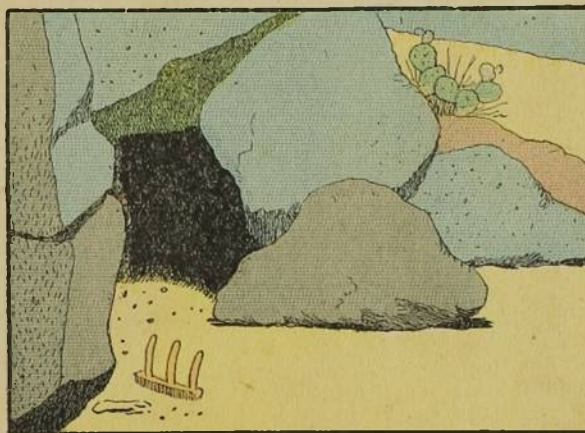
5. — Eu que desejava ter uns orifícios no chapéu... Sentirei agora menos calor na cabeça...



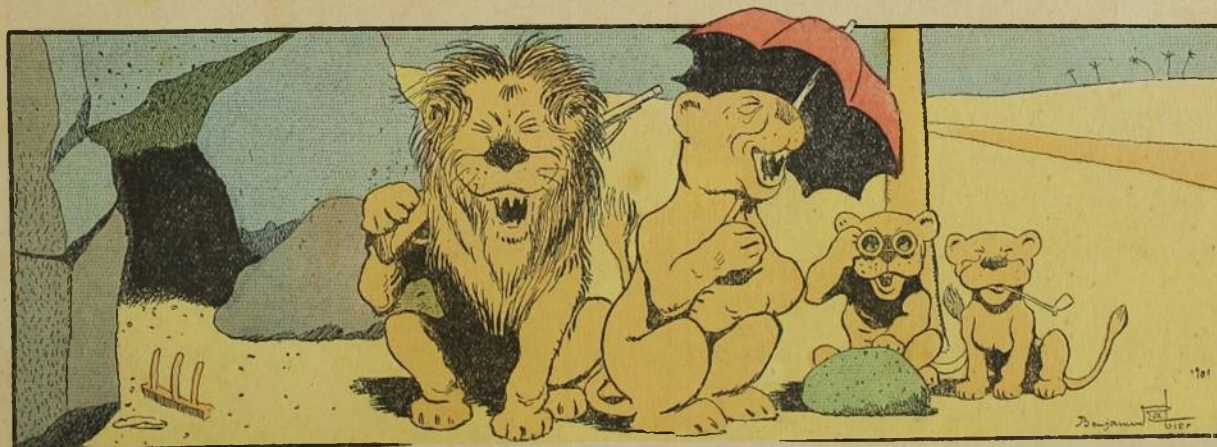
1. — O CAÇADOR. — Vou mandar a minha mulher uma pelle de leão, para um tapete...



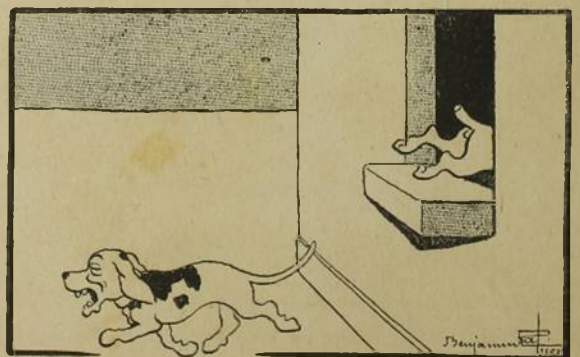
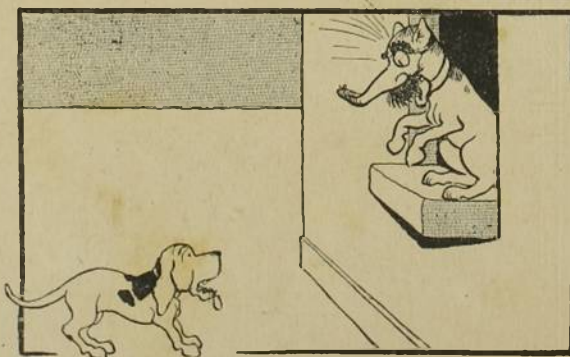
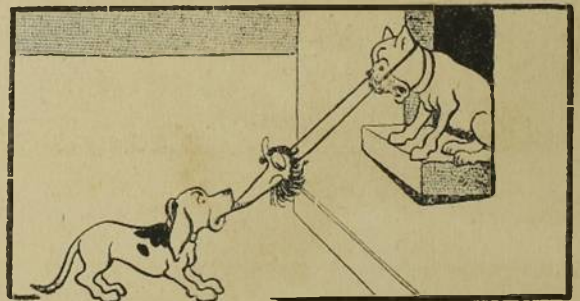
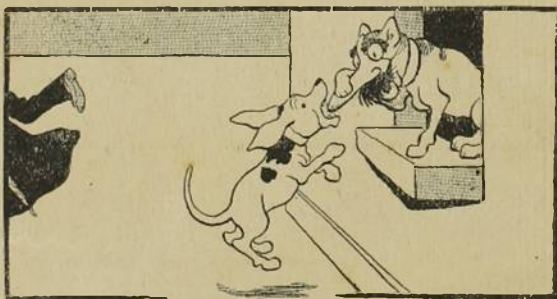
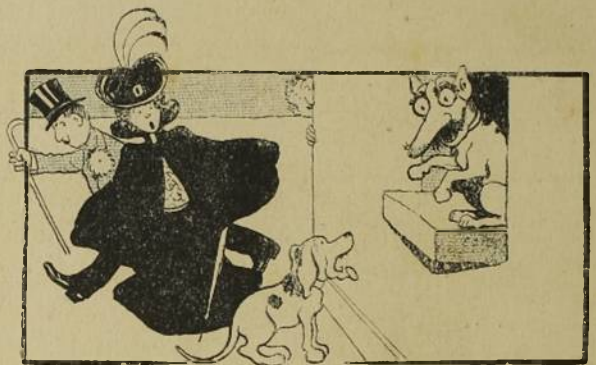
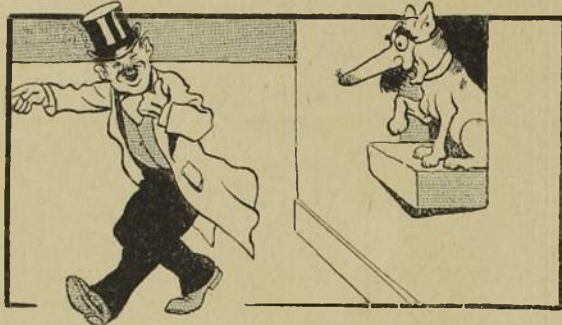
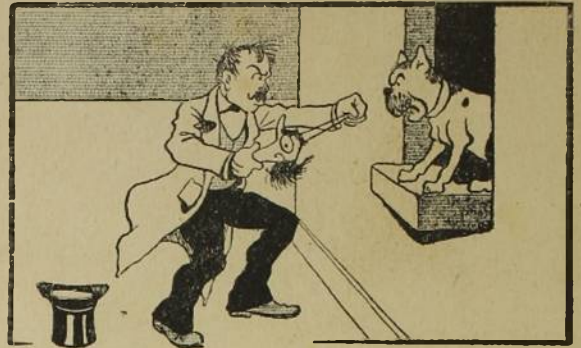
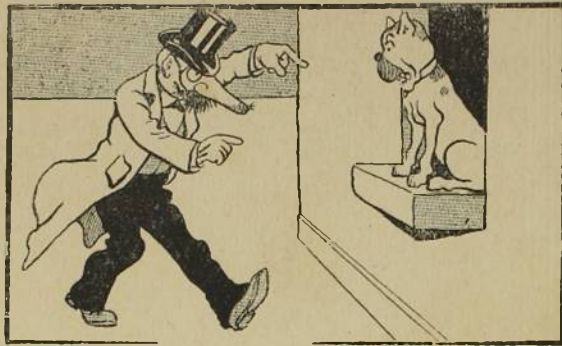
2. — O CAÇADOR. — Creio que ouvi um rugido que partia d'esta gruta.

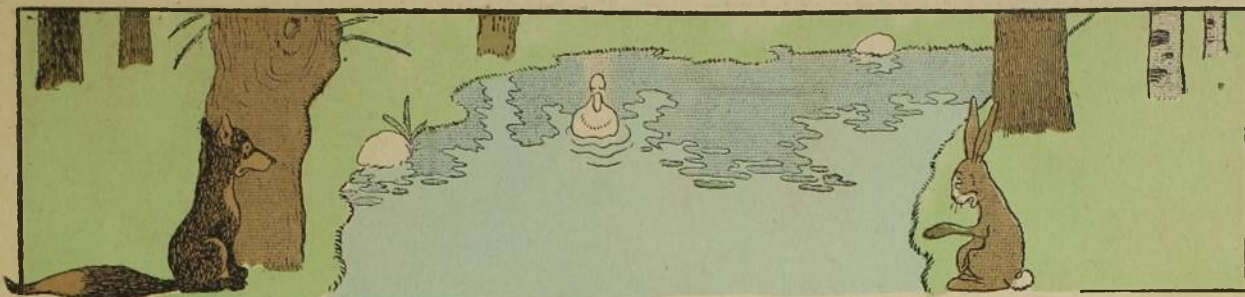


3. — Entremos...



4. — O LEÃO. — Esse caçador deixou-nos muito bonitas lembranças, sem contar o tapete que eu te vou oferecer, minha leão, de pelle de europeu.





1. — O COELHO. — Minha cara raposa, o rio é muito largo, não me poderás apanhar.



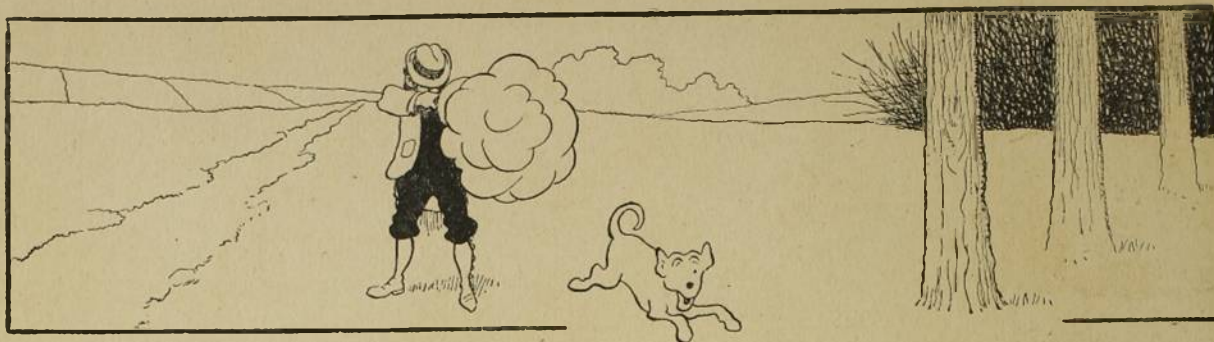
2. — A RAPOSA. — Quem sabe? Talvez que elle se torne...



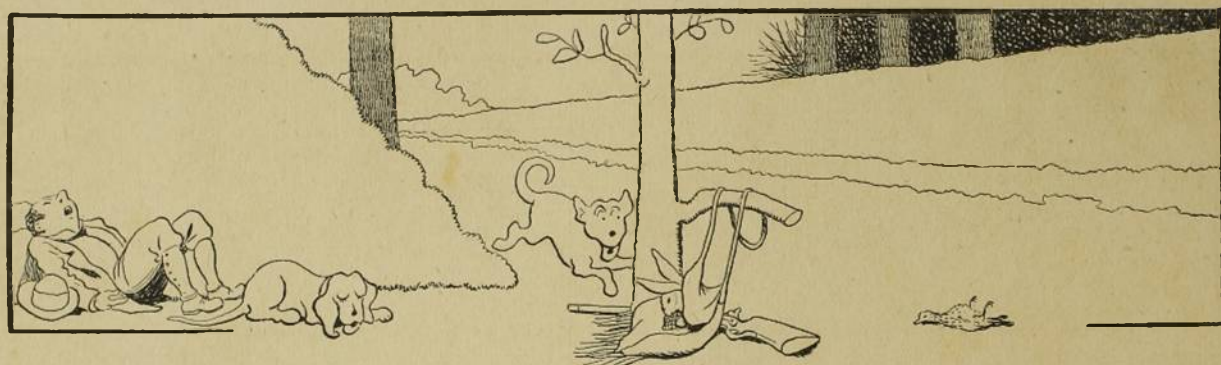
3. — A RAPOSA. — Mais estreito.



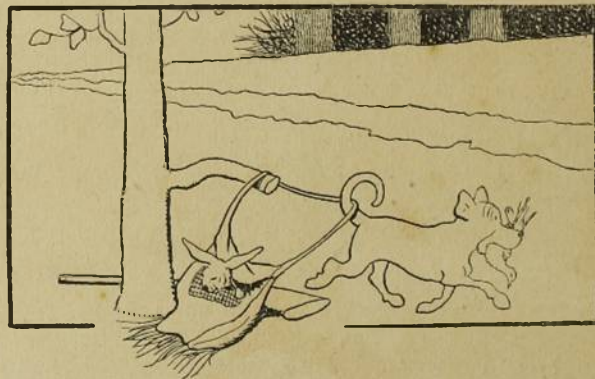
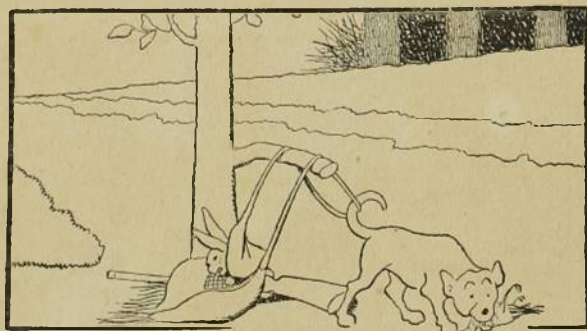
4. — O PATO. — Pobre coelho! Por minha causa...



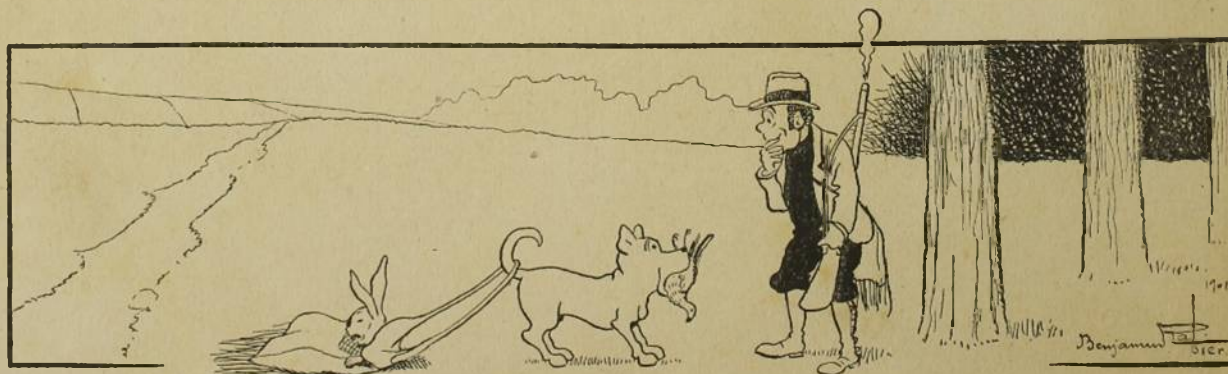
1. — Vae, Vulcano, e traze a perdiz.



2. — Vulcano apanha a ave...

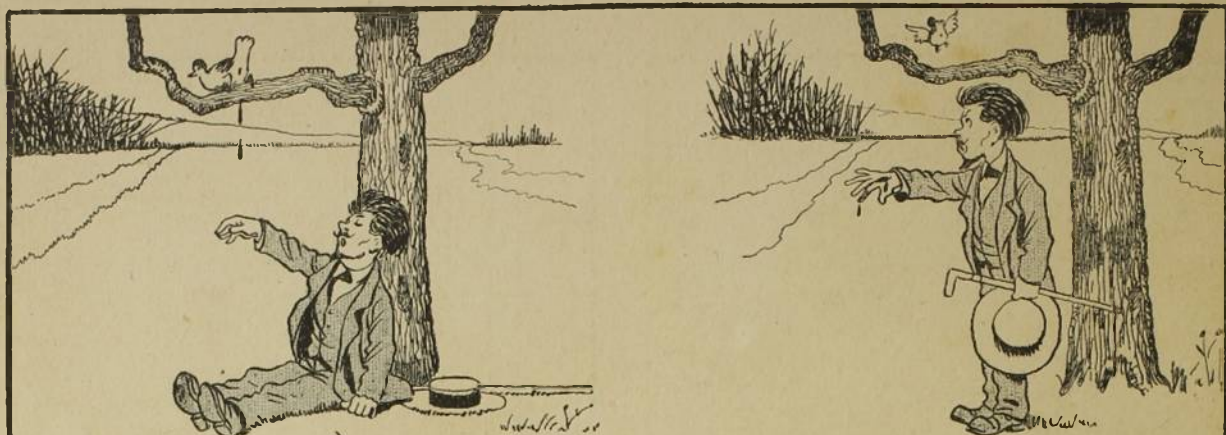


3 e 4. — Mas a sua cauda se prende á correia da bolsa de um caçador que dormia ao pé de um arvore.



5. — E Vulcano traz ao seu senhor uma perdiz e um coelho. — Eu não tinha pedido tanto, diz comsigo o dono do cão.





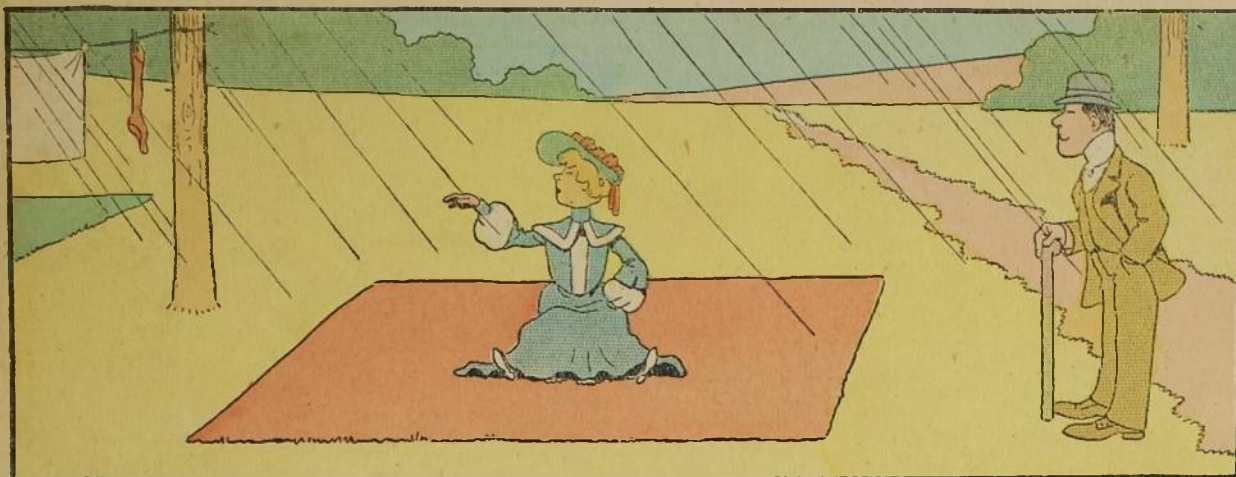
1. — João Couve, vegetariano, depois de um excellente almoço composto de cenouras e lentilbas, foir dar um passeio ao campo. Sentado á sombra de uma arvore, extasiava-se deante de um campo de nabos, quando um pombo, que pousára n'um galho da arvore, interrompeu o extase do vegetariano. Amaldiçoado pombo! disse elle. E levantou-se.



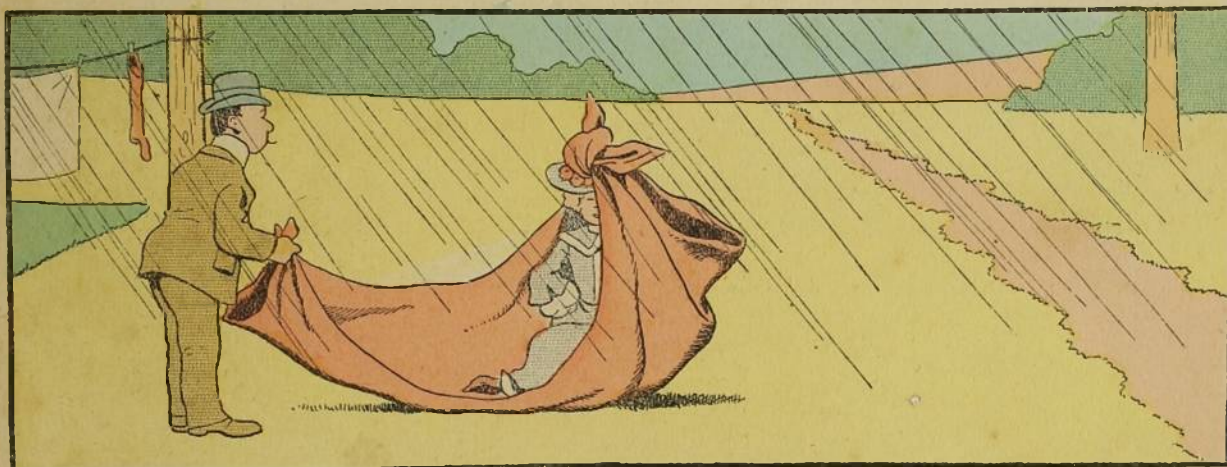
2. — Mais adeante, um porco, perseguido por um boi furiioso, passou entre as pernas de João Couve e o derrubou. Elle se tinha apenas levantado, quando o boi o atirou aos ares. Ferido, manquejando, elle tomava o caminho da casa...



3. — Quando entre as pernas lhe passou, correndo, uma lebre. Um caçador atirou. Quem recebeu a bala? João Couve, naturalmente. E a contar d'esse dia, para se vingar dos animaes que tanto o tinham desrespeitado, elle abandonou os vegetaes. As suas refeições se compuzeram, desde então, de : pombo com ervilhas, costeletas de porco, bife e ensopado de lebres.



1. — Que infelicidade, Gastão. Está chovendo. O meu chapéu ficará perdido... O meu vestido mais elegante será inutilizado pela chuva...



2. — Nada receie...



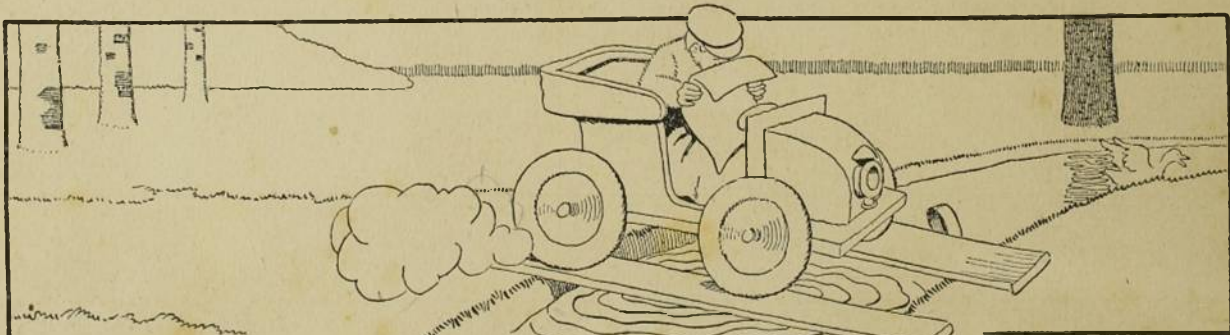
3. — Gastão não conhece obstáculos.



1. — Elle deixava correr livremente o automovel...



2. — ...que ia cair n'um rio, quando um carpinteiro



3. — ...lhe preparou, sem querer, uma ponte bastante solida.



4. — Um beneficio nem sempre é recompensado!!



1. — Papa! Papa! Vem ahi um lobo.



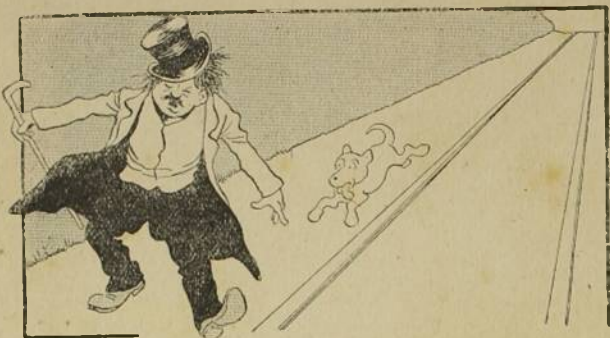
2. — Toma a corda com os dentes, meu filho.



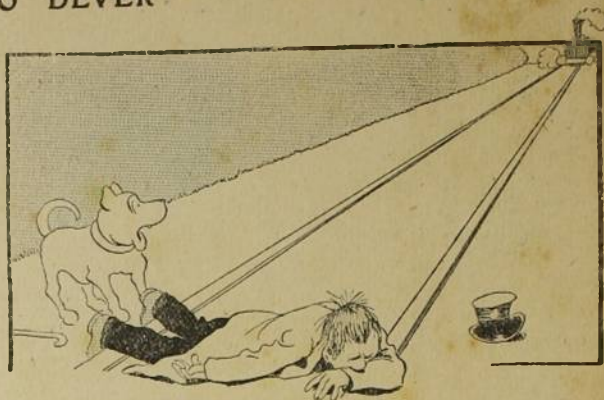
3. — Segura-te bem...



4. — Não esperavas por esta, meu velho lobo!



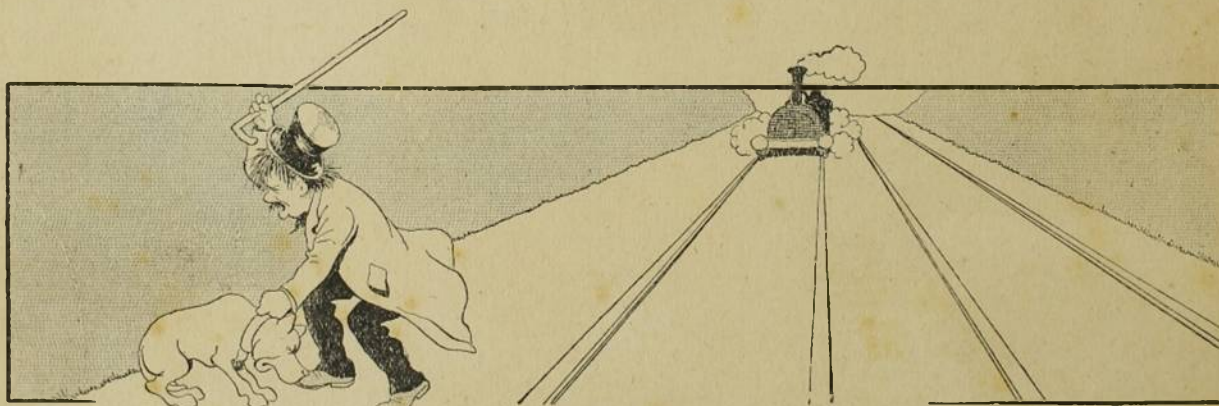
1. — Pedro da Vinha sahia de um banquete, tendo bebido mais do que teria sido necessário para se embebedar.



2. — Caminhava ao lado dos trilhos de uma estrada de ferro, quando tropeçou, e logo adormeceu. Ao longe aparecia o trem expresso.



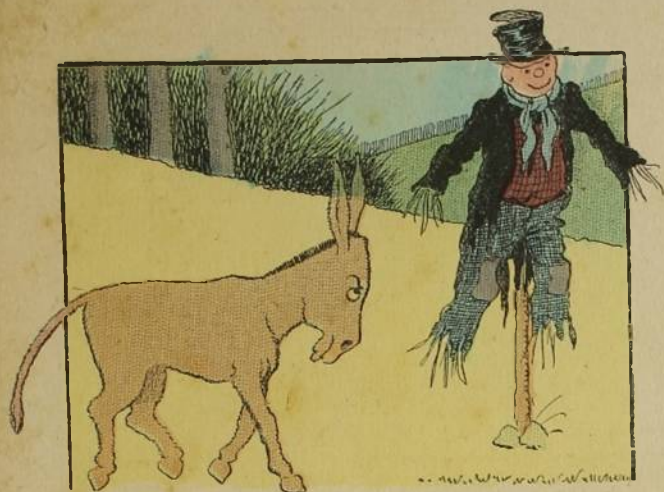
3. — Um pobre cão, compreendendo o perigo, mordeu-lhe a mão.



4. — Pedro da Vinha levantou-se e, furioso, castigou o animal, que lhe interrompêra o somno.



5. — O expresso passou, e o ébrio adormeceu de novo, porém em lugar seguro. O cão, tão mal recompensado, chorava, fazendo tristes reflexões sobre a ingratidão humana.



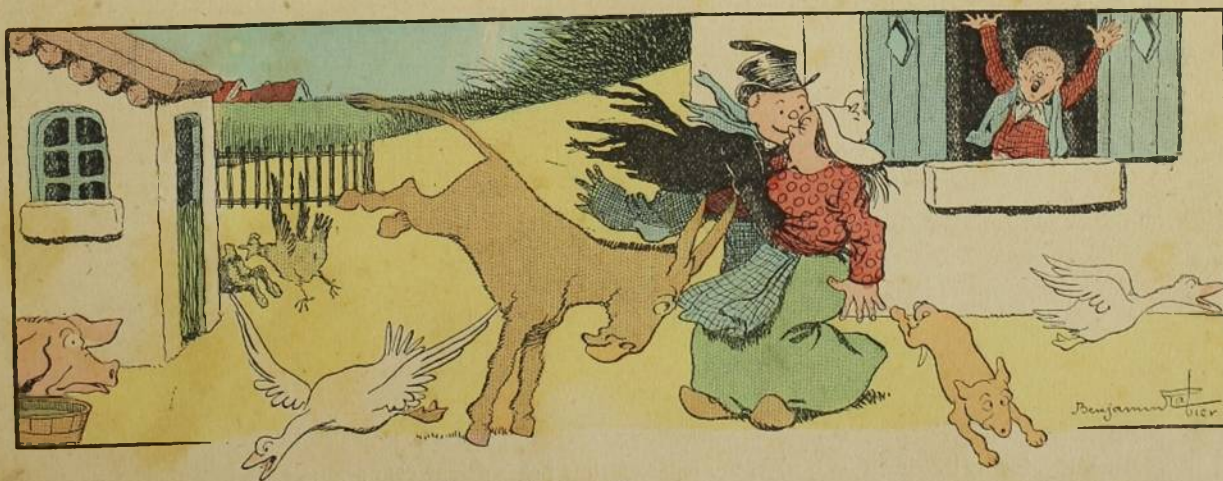
1. — O ASNO. — Eis um individuo que tem ma cara...



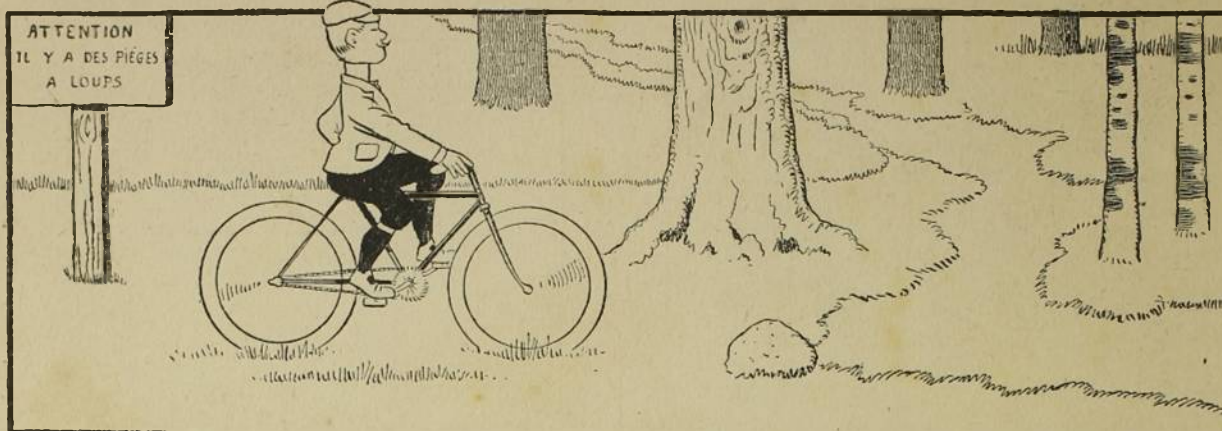
2. — O ASNO. — Vou atirar-lhe um couce...



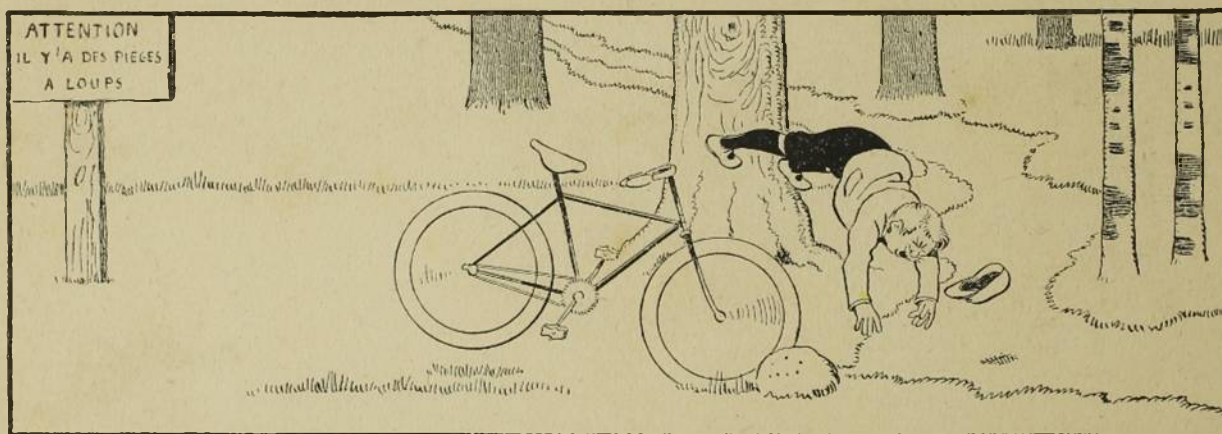
3. — O ASNO. — O malvado conseguiu montar em mim...



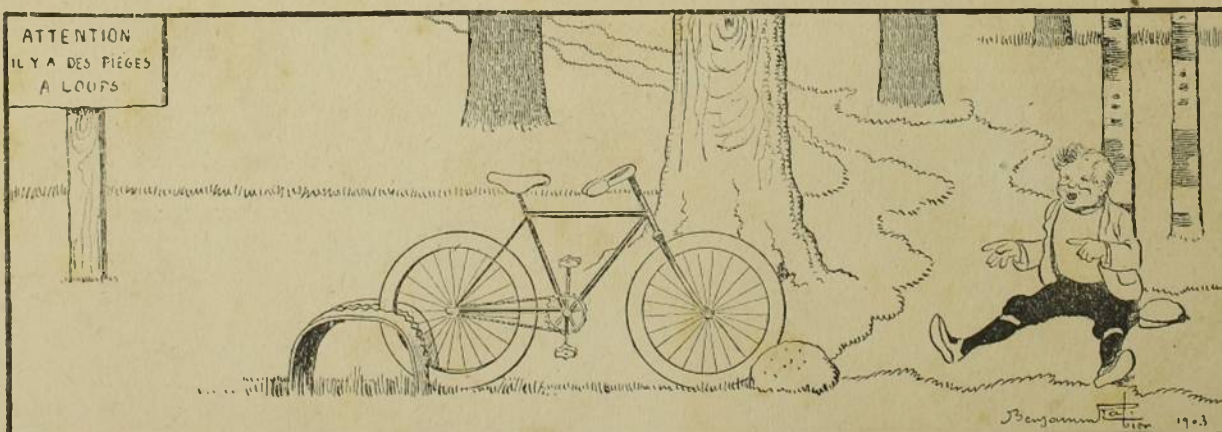
4. — O ASNO. — Vou lançal-o nos braços d'esta velha.



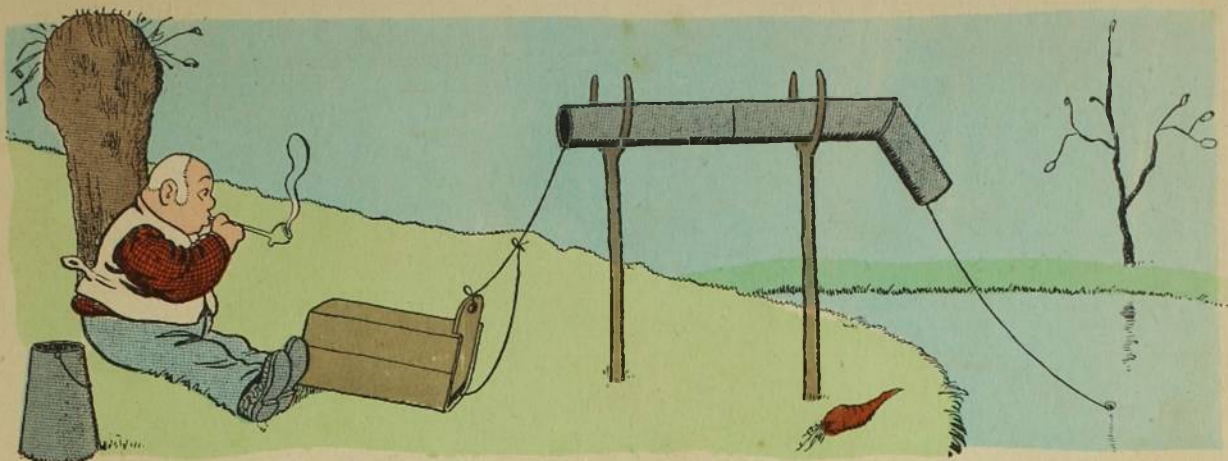
1. — E' pena que eu não ache um lugar em que possa guardar a minha bicicleta, para percorrer a pé esta floresta.



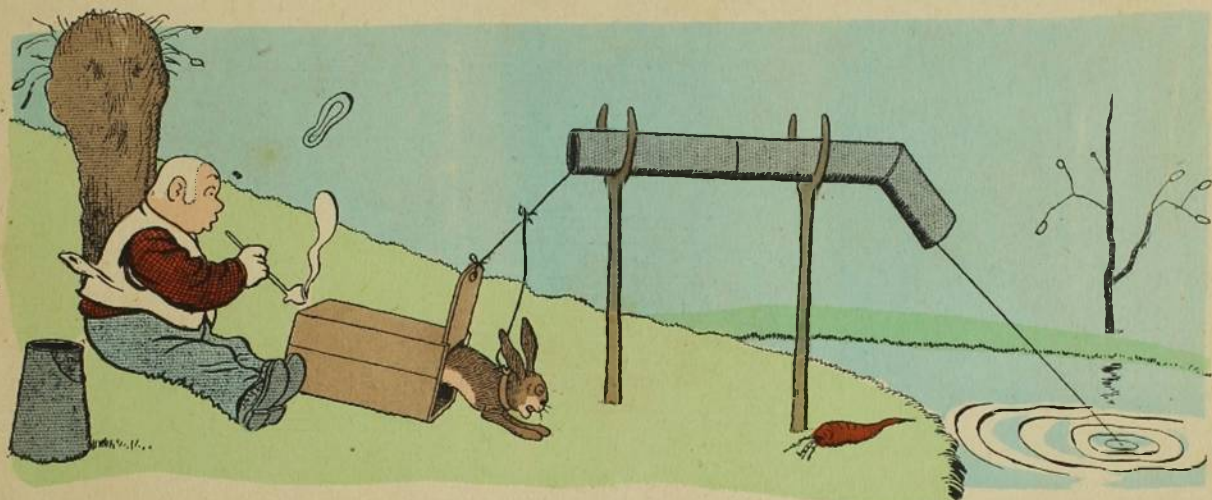
2. — Um tombo!



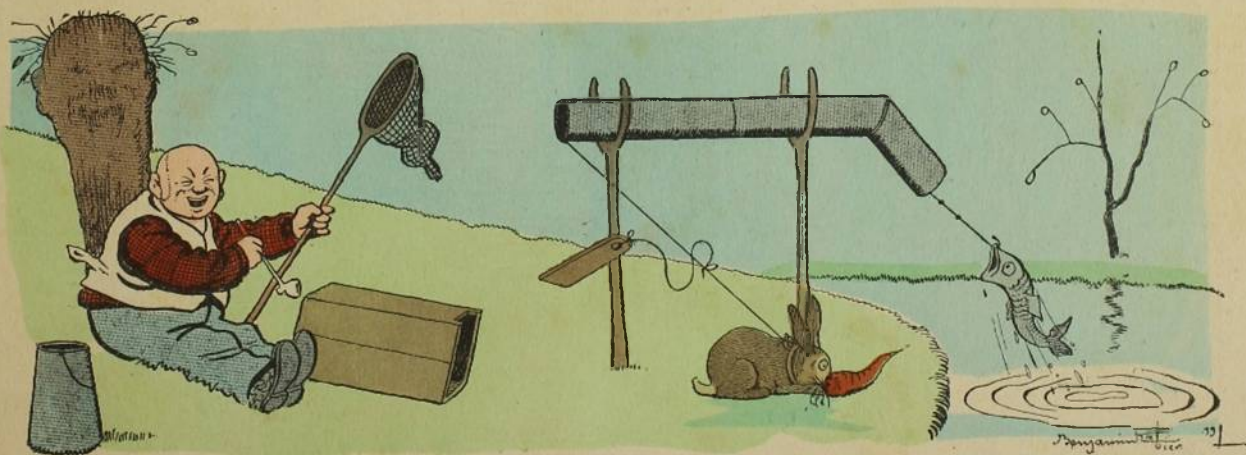
3. — E' extraordinario! Achei, sem querer, um lugar em que posso deixar com segurança a bicicleta...



1. — Eis uma pequena instalação que tem a vantagem de não ser proibida pelos regulamentos da pesca.



2. — E' extremamente simples, como se vê. O peixe puxa o cordão, a porta do caixote se levanta, dando liberdade ao coelho...



3. — ...que corre avidamente para comer a cenoura, trazendo d'esse modo o peixe. Eu o destaco do anzol... e recomeço.



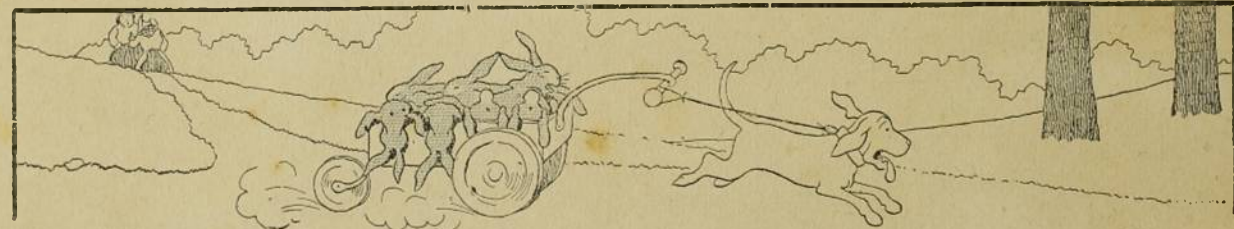
1. — Uma lebre! Existe, então, esse animal?



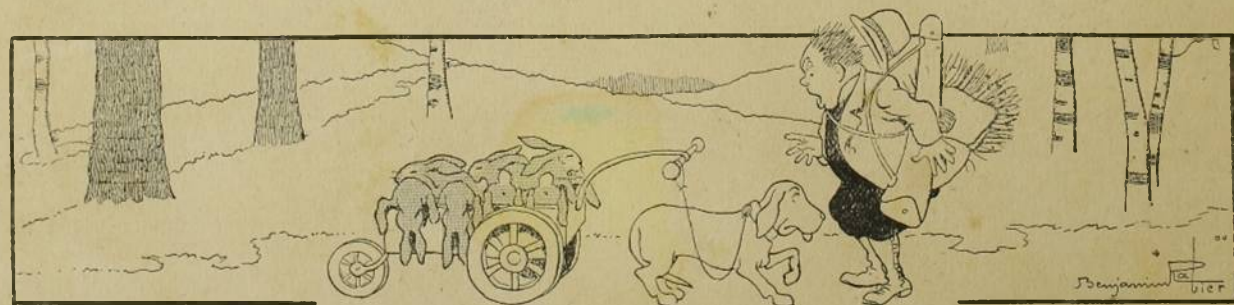
2. — Vem çá, quero vêr-te de perto.



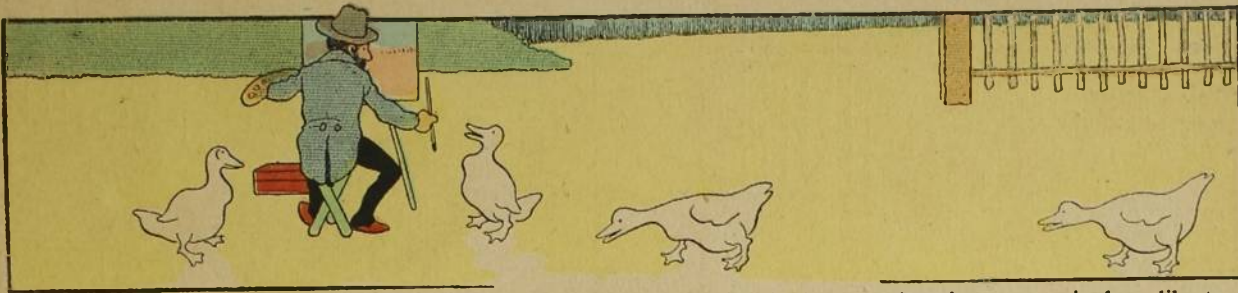
3. — Que massada! Estou preso.



4. — Voltemos para o ponto em que deixei o caçador.



5. — O CAÇADOR. — Estás certo, Saturno, de ter trazido todas as lebres que mataste? A tua estrêa é admiravel!



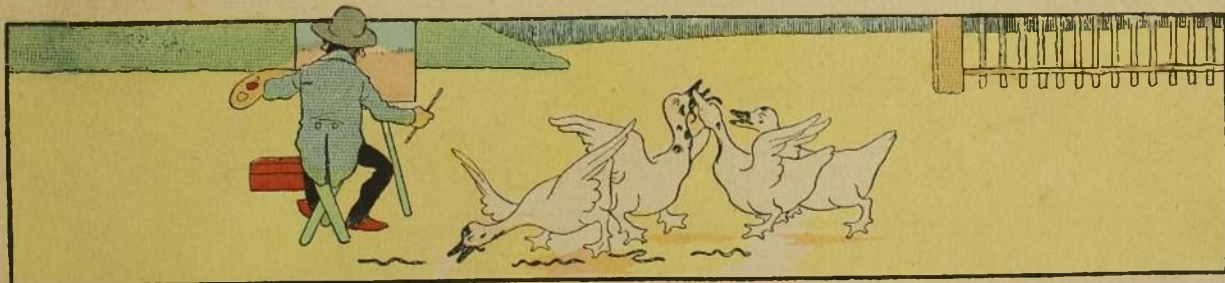
1. — João Palheta, paizagista, incommodado pela presença de um bando de patos, imaginou um meio de se libertar d'esses importunos.



2. — Tomou uma bisnaga de tinta escura e derramou no chão o seu conteúdo.



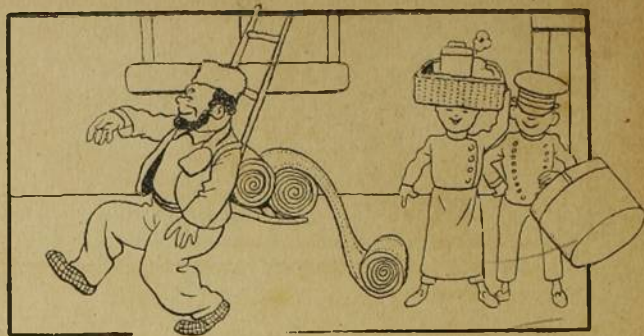
3. — A tinta formou diferentes cobras minúsculas, que se assemelhavam inteiramente a vermes.



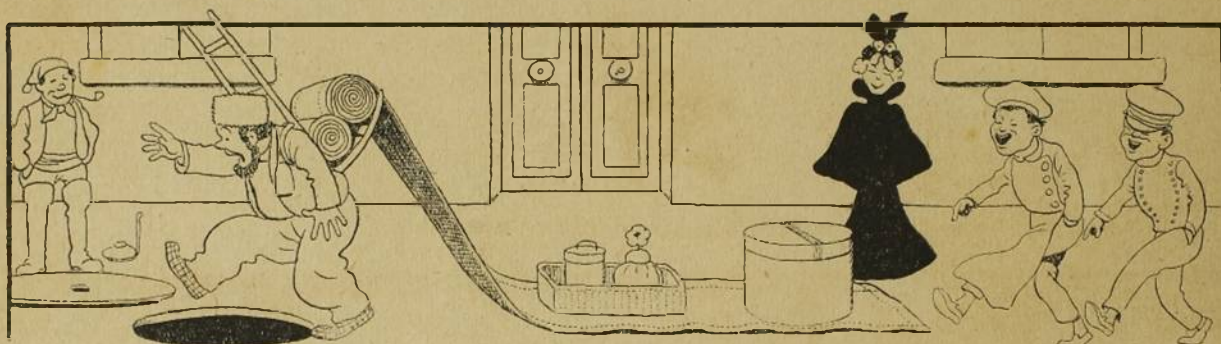
4. — Os patos, muito gulosos, comeram avidamente os suppostos vermes.



5. — E engasgados, sujos de tinta, retiraram-se, o que permittiu a João Palheta trabalhar tranquillamente.



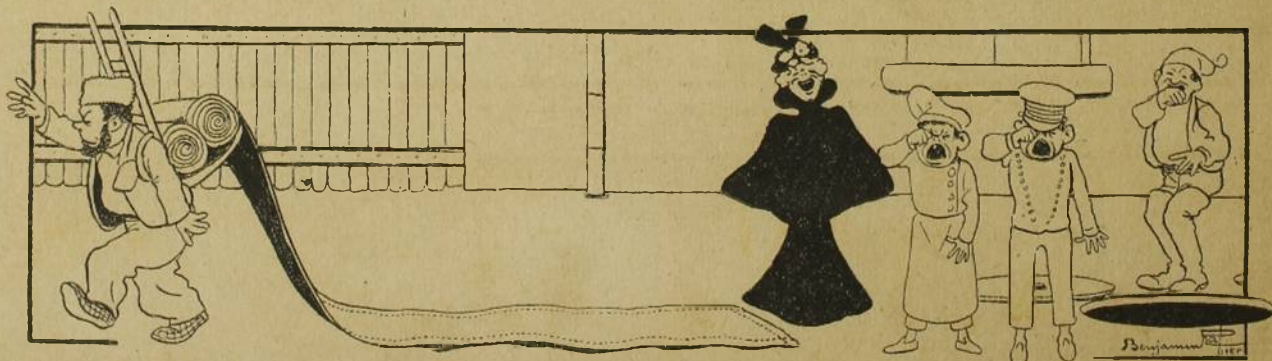
1. — Luciano, groom de uma chapelaria, e Theodoro, pasteleiro, têm um espirito inventivo.



2. — Vendo um carregador que, sob a influencia do vinho, cambaleava na rua, resolveram divertir-se a custa d'esse homem. Eis o que fizeram.

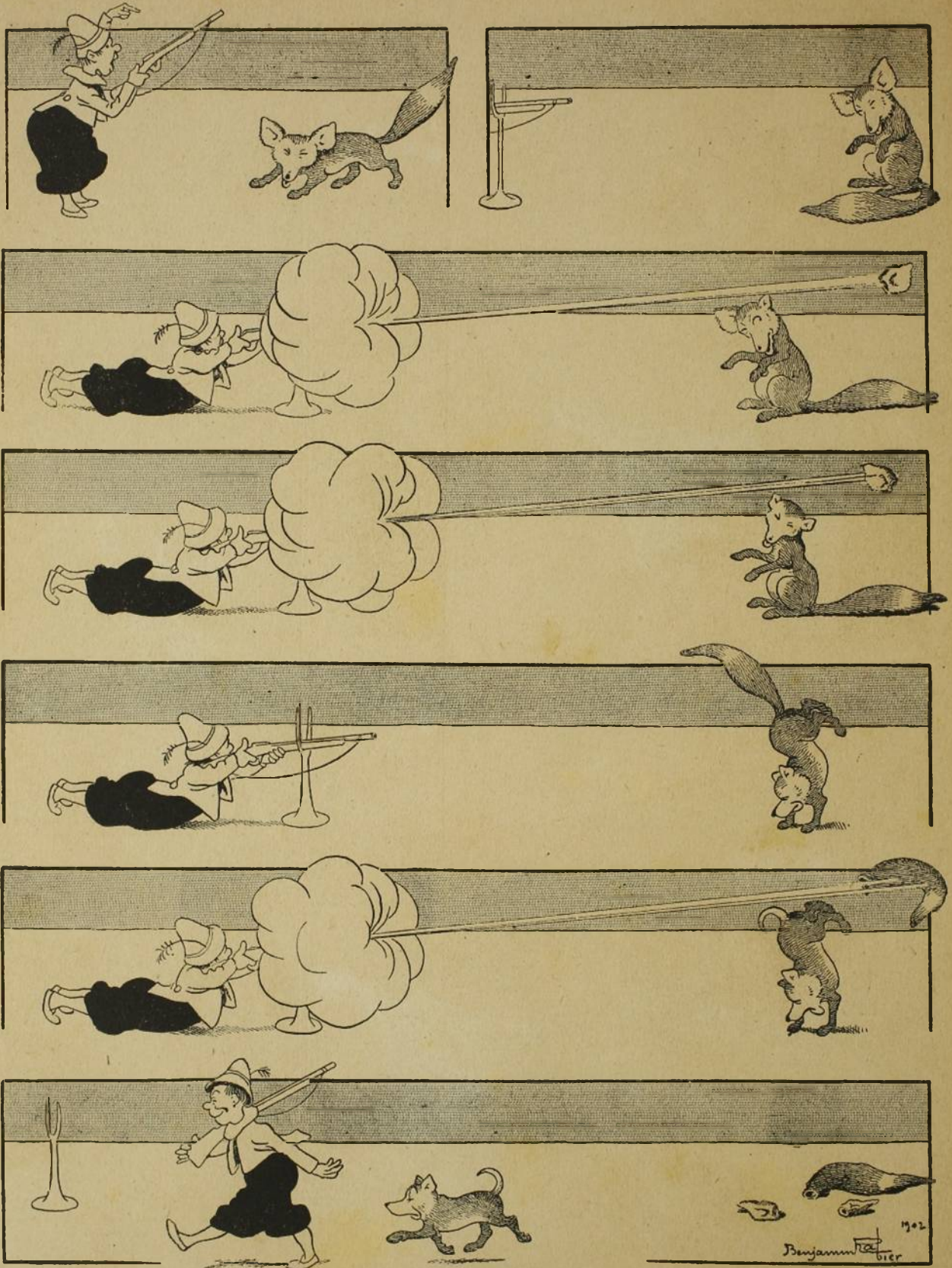


3. — Mas toda a medalha tem o seu reverso. Os dois amigos tiveram mais uma prova d'essa verdade reconhecida.



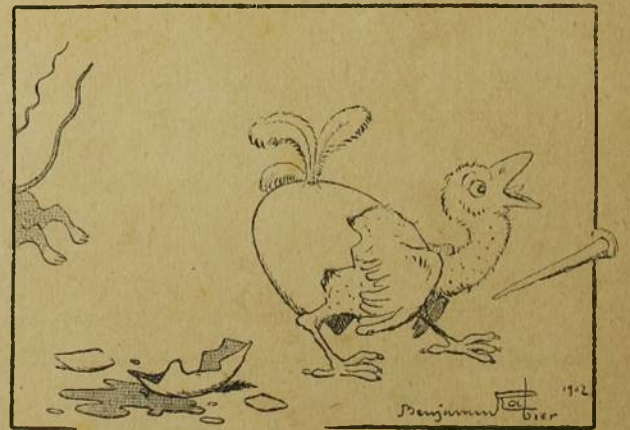
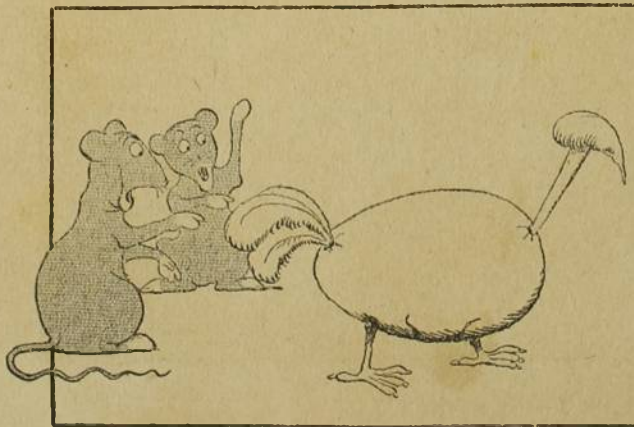
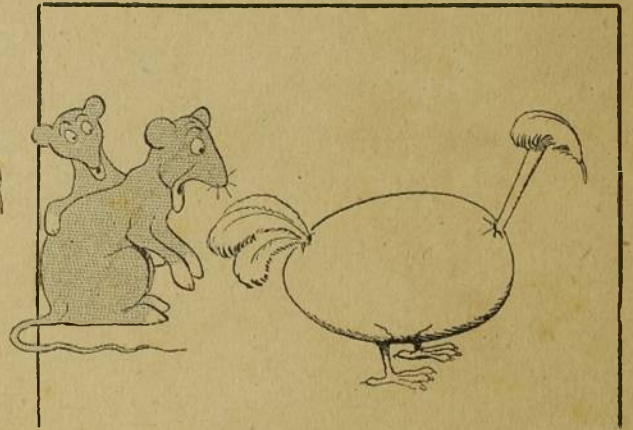
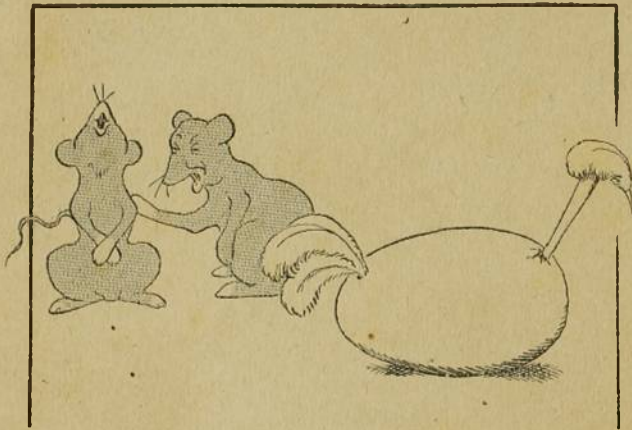
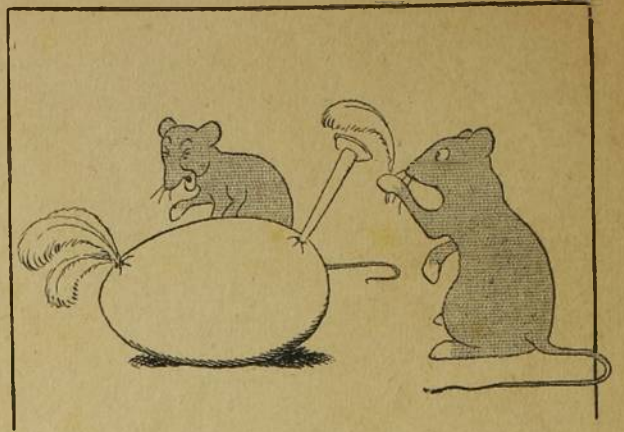
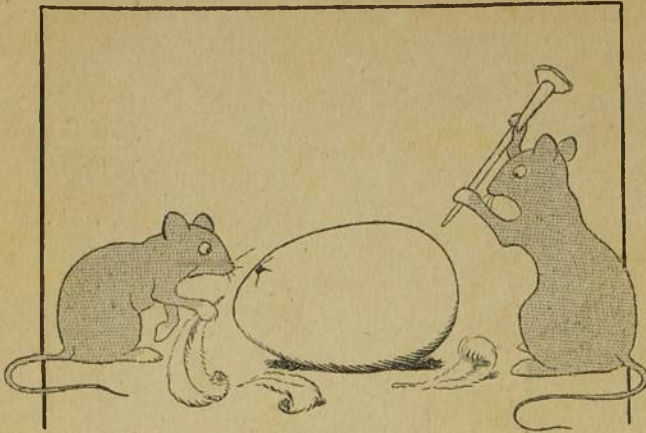
4. — O groom e o pasteleiro choravam. Lucrou quem menos contava ganhar : o limpador dos exgottos.

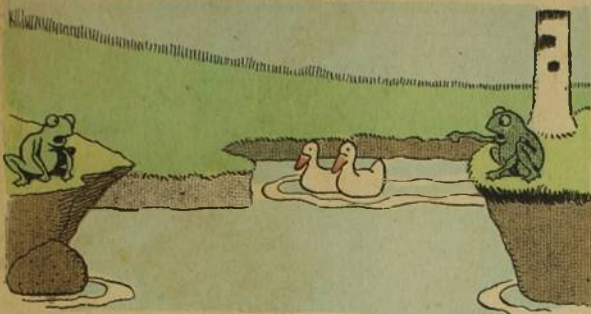




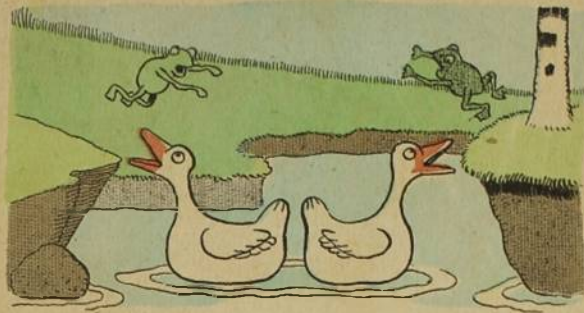


Eis como Lily julga ter prestado um grande serviço a Azor.

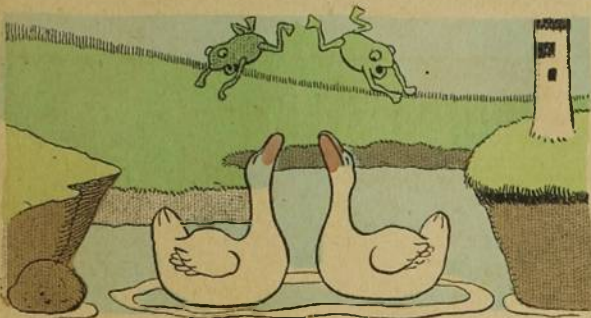




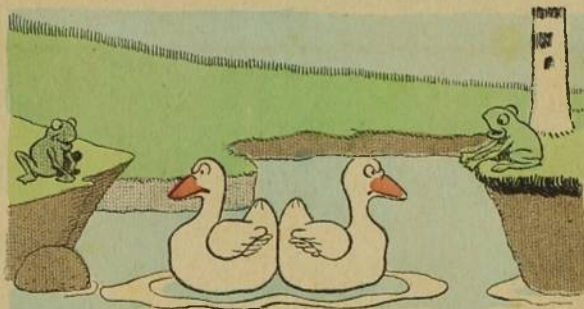
1. — Atenção. Dois patos se aproximam de nós...



2. — Atravessemos... Uma!...



3. — Duas!...



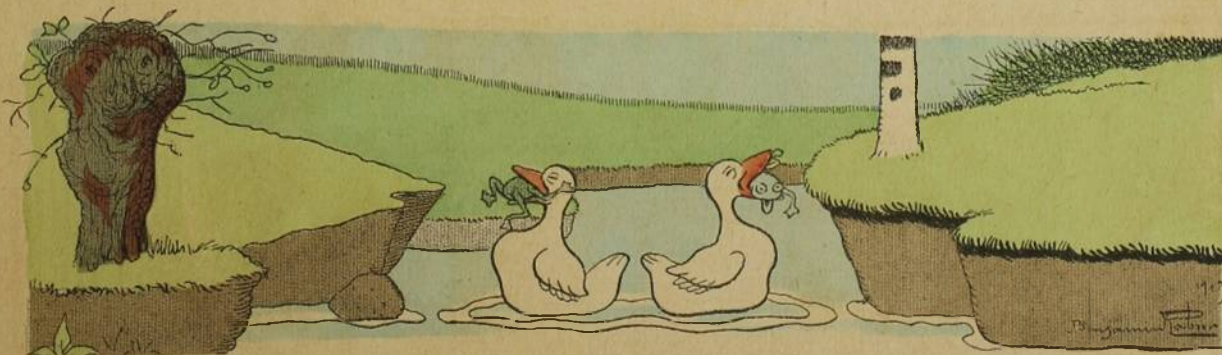
4. — Tres!... Os patos estão surpresos da nossa coragem.



5. — Recomeçamos... Uma!



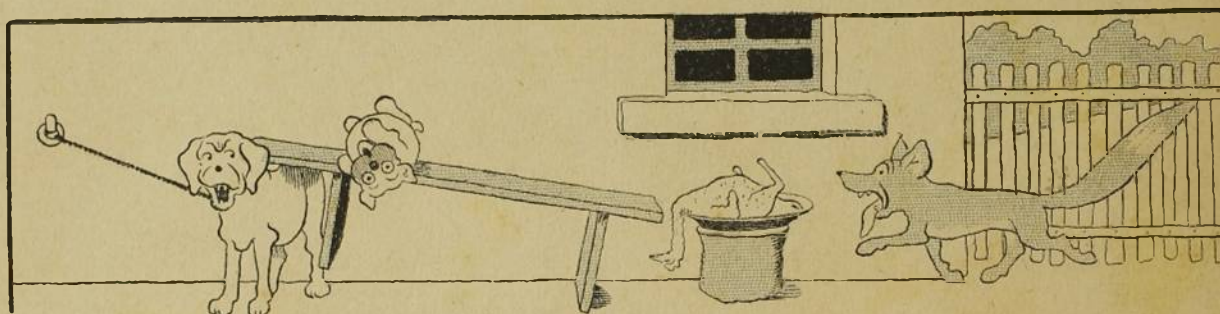
6. — Duas!...



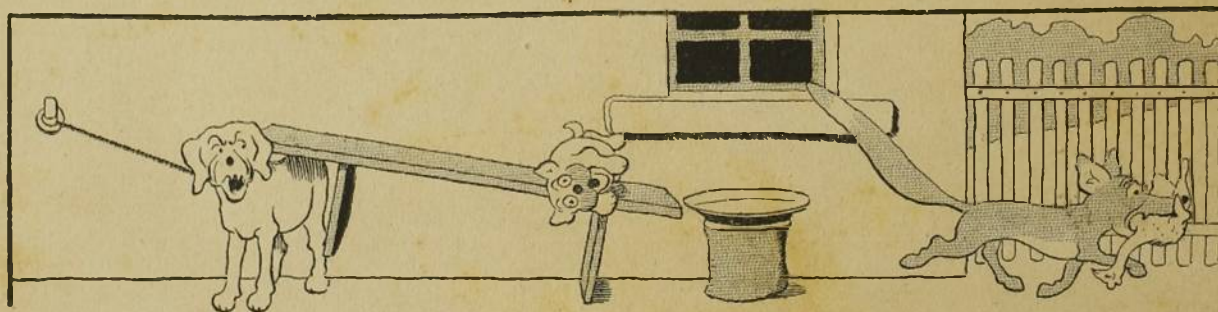
7. — Tres!!!



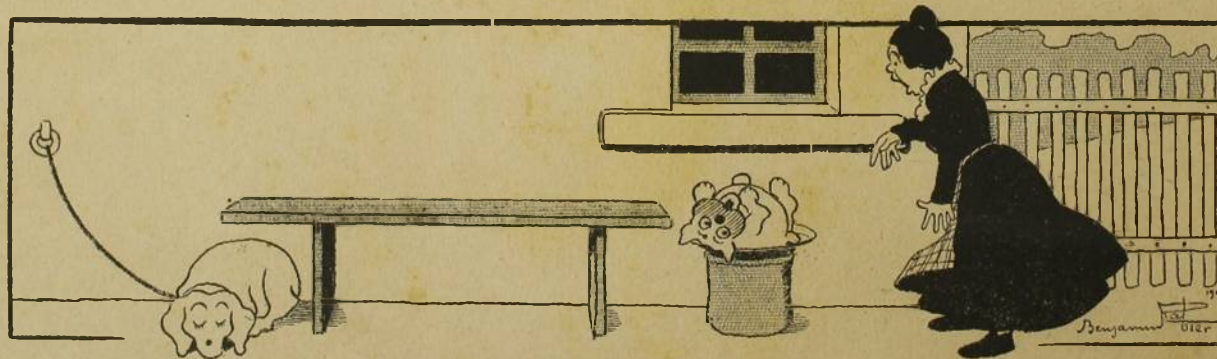
1. — Vocês fiquem socegados durante a minha ausencia e não permitam que ninguém furte a gallinha.



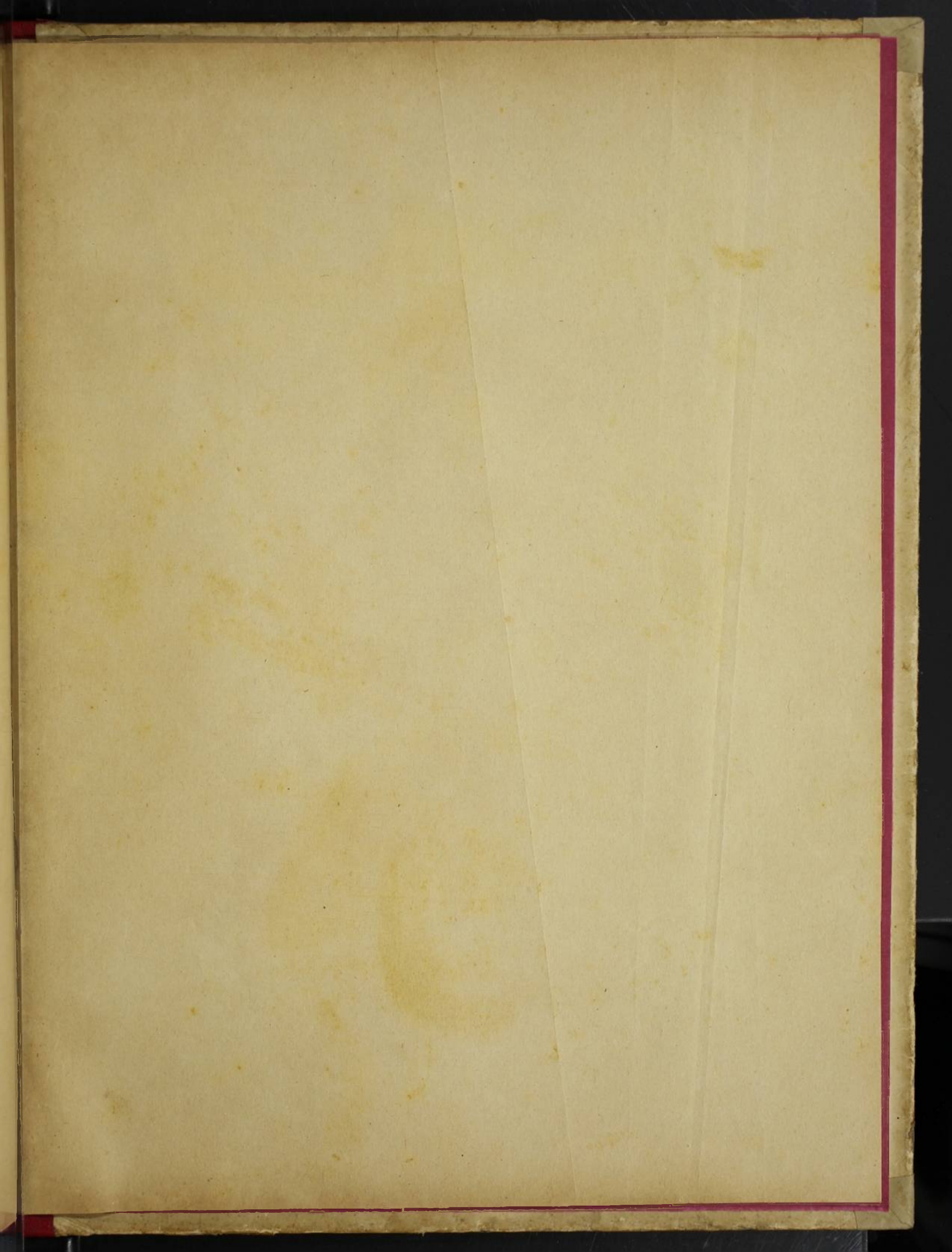
2. — Uma raposa enfomeada, attrahida pelo cheiro, appareceu logo depois. Sultão deu um salto...



3. — Mas, com o movimento que fez, derrubou Azor, que dormia, atirando-o no prato em que, pouco antes, estava a gallinha.



4. — Azor comeu a minha gallinha!!!



10
12
29

